

indicando os nomes dos srs. Presidente, Secretario, Jesus, Coutinho e Marques de Sousa, para esse fim.

Foi encerrada a sessão às 24 horas.

Sessão de 26 de Março de 1918.

Presidente: o vice-presidente sr. *Joaquim Pedro de Moraes* ;

1.º secretario: sr. *Vitor Branco* ;

2.º secretario: sr. *Fadon Lizasso*.

Foi lida e aprovada a acta da ultima sessão.

O sr. *Cisneiros e Faria* pede esclarecimentos sôbre a projectada reforma do exercicio da Farmácia e provimento das vagas de professores na Escola de Farmácia de Lisboa.

O sr. *Moraes* informa que o sr. Presidente não tem podido comparecer às sessões por motivo de doença ; mas que lhe consta ser vontade de sua ex.^a apresentar o trabalho da comissão nomeada para esse fim à Sociedade, antes de ser presente ao sr. Ministro.

Sôbre as vagas dos professores diz ter tido, acompanhado doutros colegas uma conferencia com os professores daquela escola, instando por que as vagas existentes fossem preenchidas só por concurso, com que não concordaram por, disseram suas ex.^{as}, haver na lei mais disposições naquele sentido.

Diz ainda que deu conhecimento disto aos srs. Serafim Pereira e Alves por serem os consócios a quem mais o assunto interessa e de quem fica aguardando resposta, para se acordar na orientação a seguir.

O sr. *Soares Teixeira* pede autorisação para enviar alguns exemplares do jornal desta Sociedade a vários colegas, como meio de propaganda, o que foi concedido e apreciada a sua boa iniciativa.

Foram aprovados votos de sentimento pelo falecimento de pessoas de familia dos srs. Emilio Fragoso e Alberto Noronha.

O sr. *Cisneiros e Faria* lavra o seu protesto pela publicação na imprensa diária, de que os patrões farmaceuticos se tinham servido dos creados para os aviamentos do receituário durante a greve do pessoal auxiliar da farmácia, sendo em seguida encerrada a sessão.

Sessão de 6 de Abril de 1918.

Presidente: sr. *Mourato Vermelho*;

1.º secretario: sr. *Carlos Candido Coutinho*;

2.º secretario: sr. *Hildebrando Gonçalves*.

Não foi lida a acta da sessão anterior por não estar sôbre a meza.

O sr. *Jesus* occupa-se largamente da situação financeira da Sociedade, parecendo-lhe inevitavel um pequeno aumento nas quotas.

O sr. *Cisneiros e Faria* regosija-se pelas melhoras do sr. Presidente e diz não concordar com o alvitre do sr. *Jesus*.

O sr. Presidente informa que teve conhecimento na ultima sessão do Conselho Administrativo do estado financeiro da Sociedade e viu a impossibilidade de reduzir a despeza e como estamos em prespectiva de tudo aumentar, principalmente no que diz respeito ao jornal, parece-lhe conveniente discutir-se em sessão uma proposta, aumentando o custo das quotas, com que o sr. Francisco de Carvalho não concorda, por olhar que essa medida pode provocar a saída de alguns sócios.

O sr. *Cisneiros e Faria* comunica ter recebido do sr. José Pinto d'Oliveifa, de Vila Nova de Famalicão, um novo modelo de preçario de medicamentos que apresentará na proxima sessão.

Foi encerrada a sessão às 23 horas e meia.

Sessão de 28 de Maio de 1918.

Presidente: sr. *Mourato Vermelho*;

1.º secretario: sr. *Vitor Branco*;

2.º secretario: sr. *Hildebrando Gonçalves*.

Foi lida e aprovada a acta da sessão de 26 de Março.

O sr. *Simões Costa* occupa-se da grande falta de petróleo que ha no mercado, falta que muito tem prejudicado a classe por ser um combustivel muito empregado não só na iluminação como no aquecimento de autoclaves, estufas, etc., e assim pede ao sr. Presidente para que inste junto das entidades respectivas para que seja fornecido petroleo às farmácias e lamenta o facto da Associação dos Farmaceuticos Portugueses não estar já fundida com esta Sociedade.

Falam sôbre êste assunto os srs. João Francisco de Jesus e Cisneiros e Faria, mostrando-se surpreendidos por a Associação dos Farmaceuticos estar angariando novos sócios por meio de circulares, propaganda que acham inoportuna nesta ocasião, devido a estar assente a fusão das duas colectividades e até o mobiliario daquela se encontrar já no edificio da Sociedade.

O sr. Presidente diz que vai diligenciar para que seja fornecido algum petróleo às farmácias e enquanto à fusão da Associação dos Farmaceuticos Portugueses com esta Sociedade informa estar auctorizado pelo presidente daquela a declarar que em nome da Associação está pronto a colaborar com uma comissão desta Sociedade nomeada para aquele fim.

Foi então nomeada uma comissão composta dos srs. Mourato Vermelho, Joaquim Pedro de Moraes e Cisneiros e Faria para tratar do assunto.

O sr. *Simões Costa* congratula-se pela nomeação da Comissão e manda para a meza a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade.

«A Sociedade Farmaceutica Lusitana, reunida em sessão ordinária, considerando os inconvenientes de várias ordens que resultam da dualidade de agremiação de representantes da classe, resolve dar os mais altos poderes à comissão eleita para elaborar as bases da projectada fusão com a Associação dos Farmaceuticos Portugueses e passa à ordem do dia.

Lisboa e sala das sessões 28 de Maio de 1918.

(a) *João Simões Costa*

O sr. Presidente dá conhecimento dum projecto de Reforma do Exercício de Farmácia, que se encontra na meza, oferecido pela comissão elaboradora para que os colegas possam apreciar e lembra a conveniencia de se entregar ao respectivo ministro uma representação solicitando-lhe a aprovação com brevidade do dito projecto, que no seu parecer deve satisfazer a classe.

O sr. *Cisneiros e Faria* congratula-se por vêr concluidos estes trabalhos e por o projecto satisfazer às aspirações da classe,

porém, mais uma vez lamenta que nela entrassem como colaboradores empregados de farmácia.

O sr. Presidente diz que a comissão foi da nomeação ministerial e a sua composição hecterogenea foi uma resultante das circunstancias de momento. Não lhe repugnou nada colaborar com elementos auxiliares da profissão, não só porque os seus interesses legitimos estão directamente ligados aos nossos, como tambem lhes foram bem deferidas as suas atribuições dentro da comissão.

O sr. Presidente vendo presente o sr. Jaime José da Costa, sauda-o e felicita-o por ter em França tão condignamente sabido representar a classe e convida sua ex.^a a esclarecer a assemblea sôbre certas irregularidades, que se disse terem havido nas promoções na quadro de officiais farmaceuticos e que é natural delas tenha conhecimento.

O sr. *Jaime José da Costa* cumprimenta o sr. Presidente, agradece as palavras amaveis que lhe dirigiu e diz que é necessário fixar os quadros de Farmaceuticos no Exército e preencher as 16 vagas que existem por meio de concursos, como dispõe a lei e pede para que a meza intervenha junto do sr. Secretário do Estado da Guerra afim de serem satisfeitas estas pretensões justas.

Foi resolvido a meza, juntamente com o sr. Jaime J. Costa tratarem do assunto.

Foram aprovados votos de sentimento pelos falecimentos do pai do sr. Prospero Meireles e dum filho do sr. Alfredo da Silva Machado e eleita sócia a sr.^a D. Mariana Trigueiros Duarte Pinto de Reguengo Grande.

Encerrou-se a sessão aos 30 minutos.

Sessão de 11 de Junho de 1918.

Presidente: sr. *Mourato Vermelho*;

1.º secretario: sr. *Ernesto dos Santos*;

2.º secretario: *Hildebrando Gonçalves*.

Foram lidas e aprovadas as actas de 9 de abril e 28 de maio e lida uma carta do sr. José Dias Parente, da Covilhã, pedindo

para lhe acusarem a recepção duma obrigação do empréstimo da Sociedade e que enviou em 27 de agosto p. p.

O sr. Presidente pede ao sr. Tesoureiro para dar esclarecimentos neste sentido, o que êste faz, dizendo que a obrigação foi devolvida ao destinatário acompanhada duma carta em que lhe participou a data em que devia receber o juro e que não estava sorteada e que ía diligenciar por aclarar êste assunto e caso tivesse havido extravio, que assumia a responsabilidade desse furto.

Foi lida uma outra carta do mesmo colega da Covilhã apontando irregularidades ali cometidas no exercício de farmácia sendo resolvido officiar às autoridades nesse sentido.

O sr. *Cisneiros e Faria* manda para a meza um modelo de preçario de medicamentos, de que é autor o sr. José de Oliveira Pinto, de Vila Nova de Famalicão.

Foram aprovados sócios effectivos o sr Adolfo Teixeira, de Lisboa e correspondentes nacionais os srs. Albano Duarte, de S. Pedro da Cadeira e Alberto de Assunção Gonçalves Noronha, de Azambuja.

Foi encerrada a sessão às 24 horas.

Sessão de 25 de Junho de 1918.

Presidente: sr. *Mourato Vermelho* ;

1.º secretario: *Vitor Branco* ;

2.º secretario: *Hildebrando Gonçalves*.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

No expediente figura um officio do Director da Biblioteca Publica em que oferece vários livros à Sociedade.

Foram lidas as cópias dos officios, enviados ao Administrador da Covilhã sôbre irregularidades cometidas no exercício da Farmácia naquela cidade e ao Director das Subsistencias sôbre falta de petróleo.

O sr. *João Francisco de Jesus* pede ao sr. Presidente o informe se já providenciou no sentido de evitar que a casa Grandela venda produtos farmaceuticos, como bromoquinina, aspirina, algodão hidrófilo e outros.

O sr. Presidente diz que já procurou um dos gerentes daquela

casa para esse fim e como não o encontrasse lhe deixou uma carta.

O sr. *Norberto Guerra* lamenta que a Sociedade se tivesse na penultima sessão occupado de assuntos referentes ao quadro dos pharmaceuticos do Exército, tomando resoluções, que no seu entender são pouco viáveis e talvez injustas e nomeado uma comissão para tratar destes assuntos sem ter consultado o Director da Farmácia Central do Exército.

O sr. Presidente faz vêr ao sr. Guerra a inoportunidade das suas considerações, porquanto se sua ex.^a tivesse assistido aquella sessão teria tido occasião de verificar que aquelle assunto foi tratado com toda a correção e serenidade dentro da lei estatutária e tomadas resoluções pela assemblea que é soberana não vendo motivos justificados para invocar a presença do Director da Farmácia Central, por quem tem a máxima consideração.

Os srs. *Cisneiros e Faria* e *Jaime José da Costa* discordam tambem da opinião do sr. Guerra, repetem as afirmações que já tinham feito sobre promoções nos quadros dos pharmaceuticos do Exército e leram cartas de vários colegas que desejam concorrer às vagas que existem naquele quadro o que não podem fazer por não terem sido postos ainda a concurso aqueles lugares o que é contrário aos bons princípios.

O sr. Presidente manda lêr a representação que vai ser enviada ao Secretario do Estado da Guerra para serem postos a concurso as vagas existentes no quadro dos pharmaceuticos do Exército e que é aprovada.

O sr. *Cisneiros e Faria* lê o projecto de contracto de arrendamento do Laboratório da Sociedade e requer uma sessão extraordinária para a sua discussão, o que foi aprovado, marcando-se o dia 27 para esse fim.

O sr. *Carlos Coutinho* pede a licença condicional para arrecadar no Laboratório alguns aparelhos, o que lhe foi concedido, devendo-os retirar no caso de não ser aprovado o projecto de arrendamento e devendo se servir do portão de ferro e serem fechadas as portas que dão para o corredor.

São eleitos para a comissão revisora de contas os srs. *Cisneiros e Faria*, *Norberto Guerra* e *Marques de Sousa*.

Foi encerrada a sessão às 24 horas.

Sessão de 27 de Junho de 1918.

Presidente: sr. *Mourato Vermelho*;

1.º secretario: sr. *Vitor Branco*;

2.º secretario: sr. *Luiz Sequeira*.

Foi lida e aprovada a acta da ultima sessão.

O sr. Presidente transmite à assemblea um pedido verbal do sr. Emilio Fragoso para a cedencia das salas ao pessoal dos hospitais civis, afim de ali realizarem uma reunião, o que foi autorizado.

Foi lido o parecer da comissão eleita para estudar o projecto do contracto de arrendamento do Laboratório e aprovado por unanimidade.

Em seguida entra em discussão o projecto, artigo por artigo.

Depois de várias modificações propostas pelos srs. Alberto Malta, Joaquim Pedro de Moraes e Cisneiros e Faria, é aprovado o projecto nos termos seguintes:

Artigo primeiro

A *Sociedade Farmaceutica Lusitana* cede ao sócio sr. Carlos Candido Coutinho o Laboratório, respectivo mobiliario e utensilios os quais serão inventariados em documento duplicado, ficando um dos exemplares em poder do concessionario e outro será arquivado pela Sociedade.

§ único. A cada movel, utensilio e produto será atribuido um valor que constará dos inventários a que se refere este artigo e no caso de destruição, desaparecimento ou consumo dos mesmos, fica o concessionário obrigado à sua substituição ou a entrar com a respectiva importância nos cofres da Sociedade.

Artigo segundo

O concessionário poderá conservar no Laboratório e anexos indicados neste contracto os aparelhos, utensilios, reagentes ou produtos, bem como os combustiveis necessários a exploração respectiva.

§ 1.º. Finda a concessão o concessionário deverá retirar tudo

que lhe pertença e entregará ao Conselho Administrativo da Sociedade, contra recibo, os objectos a ela pertencentes constantes do inventário a que se refere o § único do artigo primeiro.

§ 2.º. As bémfeitorias que o concessionário porventura faça no edificio da Sociedade para seu usufruto ficam pertencendo à Sociedade, porém o concessionário finda a concessão, obriga-se se o Conselho Administrativo da Sociedade assim entender a deixar as casas no estado em que as receber.

Artigo terceiro

É permitido ao concessionário colocar no corredor central um cabide-vestiário, junto no Laboratório e utilisal-o por si e seus colaboradores ou dependentes e bem assim a utilização pelos mesmos das retretes do edificio, devendo tanto aquele, como estas ser conservadas à sua custa em perfeito estado de asseio.

É-lhe igualmente permitido empregar o terraço circundante e respectivo portão, não só como serventia normal como para arrumação de quaisquer ácidos, corpos fétidos, acessórios, ou artigos de outra natureza, necessários à exploração do Laboratório.

Para esse efeito ser-lhe-ha permitido adaptar prateleiras ou fazer construções ligeiras que não ofendam a estética e sejam de fácil remoção de acôrdo com o Conselho Administrativo da Sociedade.

Artigo quarto

A Sociedade obriga-se a mandar colocar e a manter à sua custa, durante todo o tempo de concessão um aparelho telefónico ligado à rede geral, entendendo-se porém desde já, que nenhuma obrigação fica tendo a Sociedade a êste respeito emquanto a Companhia dos Telefones não satisfizer a requisição do aparelho.

§ único. O telefone pode ser utilizado livremente pelos sócios ou pelo concessionário e ficará colocado no corredor central.

Artigo quinto

O concessionário pagará à Sociedade no acto da posse duzentos e cinquenta escudos, que representa o preço da concessão

por um semestre e igual quantia adiantada semestralmente, enquanto durar a concessão a qual se entende começada em um de julho do p. futuro.

A concessão considera-se renovada por períodos de um ano, enquanto não houver aviso em contrário comunicado por qualquer das partes, com seis meses de antecedencia e por carta registada.

Artigo sexto

Ao concessionário é permitido o uso do Laboratório e anexos mencionados neste contrato mas só para uso químicos-farmacêuticos, podendo contratar, mas sómente, com farmaceuticos, sócios da Sociedade no pleno uso dos seus direitos, a colaboração nos trabalhos, a divisão dos lucros e despesas ou qualquer forma colectiva para a exploração do dito Laboratório, ficando porém sempre o concessionário o único responsavel para com a Sociedade.

Artigo sétimo

O concessionário obriga-se a facultar à Comissão de Química desta Sociedade, o Laboratório, moveis e utensilios que pertençam à Sociedade para os seus trabalhos e a pôr à disposição da dita Comissão os utensilios de química que tenha a uso no Laboratório; aquêles livre e gratuitamente e êstes mediante remuneração préviamente concertada com o Conselho Administrativo.

Egualmente fica resalvada nos mesmos termos a clausula oitava do artigo décimo oitavo dos estatutos da Sociedade.

Artigo oitavo

As divisões do edificio que não fazem objecto deste contrato, manter-se-hão fechadas, não sendo permitida a entrada nelas ao pessoal do concessionário e as chaves respectivas ficarão em poder do Conselho Administrativo ou de empregado da sua confiança.

Artigo nono

O concessionário obrigá-se a usar nos boletins das análises, como título «Laboratório da Sociedade Farmaceutica Lusitana».

Artigo decimo

Quaisquer despesas, não previstas neste contrato, como agua etc., o seu pagamento constitue objecto de convenção entre o Conselho Administrativo da Sociedade e o concessionário.

Artigo decimo primeiro

Este contrato tem caracter particular; mas cada uma das partes contratantes reserva-se o direito de o fazer redimir a escriptura publica se assim o entender.

Artigo doze

Aprovado que seja este contrato e em vigor a Sociedade convidará a Companhia onde o edificio se encontra seguro, a examinar as instalações e produtos nelle existentes.

Se o prémio do seguro fôr aumentado, esse aumento é por conta do concessionário e será em ocasião oportuna cobrado dêle pelo tesoureiro da Sociedade.

Artigo treze

Na hipotese do falecimento do concessionário a concessão caduca desde logo.

Aos herdeiros será restituída a importância recebida pela Sociedade, relativamente no tempo a decorrer até ao fim do semestre. Igualmente lhes serão entregues os utensilios, produtos, etc., que lhe pertençam, isto depois de cumprida a doutrina do paragrafo único do artigo primeiro.

A COMISSÃO

Mourato Vermelho

José Alemão Cisneiros e Faria

Carlos Candido Coutinho

Carlos Marques de Sousa

João Francisco Jesus

Sessão de 9 de Julho de 1918.

Presidente: sr. *Mourato Vermelho*;

1.º secretario: sr. *Carlos Marques de Sousa*;

2.º secretario: sr. *Hildebrando Gonçalves*.

O sr. *Cisneiros e Faria* lembra a conveniencia da Comissão Revisora de Contas apresentar os seus trabalhos com brevidade e tambem que seja apresentado o orçamento para o presente ano económico, para assim se abreviarem as eleições, lamenta que o escriptorio continue doente e refere-se a um preçario por êle apresentado, pedindo que seja discutido e por ultimo deseja que o sr. Presidente o informe em que altura se encontram os trabalhos da projectada fusão com a Associação dos Farmaceuticos.

O sr. Presidente informa que o orçamento será apresentado na próxima sessão e sobre o preçario embora lhe pareça não ser oportuna a ocasião devido a alta constante do preço dos medicamentos, na próxima sessão sera discutido, fazendo parte da ordem da noite, se a assemblea assim o entender e enquanto a fusão espera vêr êste assunto resolvido dentro em breve.

O sr. *Soares Teixeira* refere-se aos erros tipográficos do nosso jornal, não se devendo tolerar tão péssimo serviço.

O sr. *Cisneiros e Faria* como presidente da comissão da redacção diz que fez as máximas diligencias porque tal não succedesse, sendo a culpa apenas do pessoal compositor.

O sr. Presidente entende que visto os erros serem grandes, de futuro deve-se usar de toda a energia, inclusivé, devolverem-se as provas finais que não estejam nas condições.

O sr. *João Francisco de Jesus* concorda com a opinião do sr. Presidente, jámais custando hoje o jornal o triplo do que custava antes da guerra.

O sr. Presidente informa a assemblea que a comissão nomeada para falar com o sr. Secretario do Estado da Guerra, foi amavelmente recebida por sua Ex.^a, que prometeu seriam atendidas as pretensões para o que ia mandar abrir o concurso para as vagas existentes no quadro dos farmaceuticos do Exército e conceder uma licença especial aos farmaceuticos mobilizados em França a fim de poderem concorrer.

O sr. *Marques de Sousa* diz saber que um colega se lembrou

da Sociedade Farmaceutica para se efectivar uma reunião do pessoal hospitalar, para tratar de assuntos da sua respectiva classe; mais tarde o mesmo colega precisando de convocar uma reunião de farmaceuticos, foi pedir a sala da Associação dos Lojistas, quando a boa lógica indicava que só na nossa Sociedade se devia levar a efeito a dita reunião, lamentando que tal se tivesse dado.

O sr. Presidente diz tambem que teve conhecimento pelos jornais dessa reunião promovida pela Direcção da Associação dos Farmaceuticos e estranhou que não se utilisassem das salas da Sociedade Farmaceutica Lusitana, jamais havendo entre as duas colectividades boa harmonia, o que tem contribuido para que a fusão das duas seja em breve uma realidade.

Balancete de Janeiro de 1918

RECEITA

Saldo do mês anterior.....	94\$87,5
Juros do 2.º semestre de 1917 das obrigações do Crédito Predial...	12\$15
Cobrança:	
Quotas, 73.....	65\$70
Esc.....	172\$72,5

DESPESA

Ordenado do escriturario.....	10\$00
» » contínuo.....	16\$00
Contribuição predial.....	13\$25
Coupon pago.....	\$50
Impressão de 3.000 cartões para avisos das sessões.....	10\$50
Despesas da secretaría.....	5\$66
» do correio.....	\$47
Obrigaçõ paga (resto) N.º 464.....	7\$50
	63\$88
Saldo para o mês de Fevereiro.....	108\$84,5
Esc.....	172\$72,5

Balancete de Fevereiro de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior		108\$84,5
Cobrança :		
Quotas, 60	54\$00	
Diplomas, 2	4\$00	
		<u>58\$00</u>
Esc.		<u>166\$84,5</u>

DESPESA

Ordenado do escriptorio.....		10\$00
» » contínuo		16\$00
Concerto do telhado do edificio		4\$11
Despezas da secretaria		7\$24
» do correio		3\$56
		<u>37\$91</u>
Saldo para o mês de Março.....		<u>128\$93,5</u>
Esc.		<u>166\$84,5</u>

Balancete de Março de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....		128\$93,5
Cobrança :		
Quotas, 65	58\$50	
Diplomas, 3	6\$00	
Assinatura do jornal.....	1\$50	
Anuncios do dito.....	12\$57	
		<u>78\$67</u>
Esc.		<u>207\$60,5</u>

DESPESA

Ordenado do escriptorio.....		10\$00
» » contínuo		16\$00
Despezas da secretaria		5\$07
Cópias à máquina duma representação ao Ministério da Guerra....		1\$50
		<u>32\$57</u>
A transportar.....		9

Transporte.....	32\$17
Custo de molduras para diplomas.....	1\$20
Seguro do edificio.....	12\$00
Impressão de 500 propostas para admissão de socios.....	5\$00
» » 2:000 recibos com talão.....	7\$00
	<u>57\$77</u>
Saldo para o mês de Abril.....	149\$83,5
Esc.....	<u>207\$65,5</u>

Balancete de Abril de 1918

RECEITA	
Saldo do mês anterior.....	149\$83,5
Cobrança :	
Quotas, 100.....	90\$00
Esc.....	<u>239\$83,5</u>
DESPESA	
Ordenado do escriturario.....	10\$00
» » contínuo.....	16\$00
Gratificação por encher recibos de quotas e guias do correio.....	3\$00
Companhia das Águas, 4. ^a prestação de 1917.....	2\$95
Consumo d'água e aluguel do contador, de Março.....	1\$15
Encadernação de livros para a bibliotéca.....	12\$60
Coupon pago.....	\$50
Despesas da secretaria.....	3\$96,5
do correio.....	1\$32
	<u>51\$48,5</u>
Saldo para o mês de Maio.....	188\$35
Esc.....	<u>239\$83,5</u>

Balancete de Maio de 1918

RECEITA	
Saldo do mês anterior.....	188\$35
Cobrança :	
Quotas, 129.....	116\$10
Esc.....	<u>304\$45</u>

DESPESA

Ordenado do escriptorario.....	10\$00
» » continuo.....	16\$00
Impressão do jornal, N.ºs 4 a 6 de 1917.....	74\$50
Despezas da secretaria.....	6\$60
Consumo d'água, de Abril.....	1\$15
Encadernação de livros para a bibliotheca.....	5\$60
Concerto dum fecho da porta de entrada.....	1\$20
Despesa do correio.....	\$64
	<hr/>
	115\$69
Saldo para o mês de Junho.....	188\$76
	<hr/>
Esc.....	304\$45

Balancete de Junho de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....	188\$76
Cobrança:	
Quotas, 33.....	30\$70
Diplomas, 2.....	4\$00
Venda de papel inútil.....	5\$70
	<hr/>
	40\$40
Esc.....	229\$16

da Ordem dos Farmacêuticos**DESPESA**

Ordenado do escriptorario.....	10\$00
» » continuo.....	16\$00
Impressão de avisos para as sessões d'este mês.....	2\$80
Consumo de água, de Maio.....	1\$35
Despezas da secretaria.....	7\$46
	<hr/>
	37\$61
Saldo para o mês de Julho.....	191\$55
	<hr/>
Esc.....	229\$16

Balancete de Julho de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....	191\$55
Arrendamento do Laboratorio, do 1.º semestre de 1918.....	250\$00
Juro das obrigações do Crédito Predial, do 1.º semestre de 1918...	12\$15

Cobrança :

Quotas, 73.....	65\$70
Diplomas, 2.....	4\$00
Assinaturas do jornal.....	3\$00
Anuncios do dito.....	7\$65
	<hr/>
	80\$35

Esc.....

534\$05

DESPESA

Coupons pagos, 73.....	36\$50
» » 35.....	17\$50
» » 13.....	6\$00
Obrigações eorteadas e pagas, N.ºs 67, 83, 150, 251, 409 e 449.....	60\$00
» » » » 229.....	10\$00
Ordenado do escriptorio.....	10\$00
» » continuo.....	16\$00
Papel timbrado.....	5\$50
Seguro da mobilia e utensilios.....	5\$00
Impressão de avisos para 2 sessões.....	2\$40
Contribuição predial (2.º semestre de 1917).....	13\$24
Encadernação de livros para a bibliotéca.....	7\$68
Limpeza do edificio e lavagem de panos e toalhas.....	3\$85
Gratificação por diversos trabalhos de escrita.....	5\$00
Quota da Cruz Vermelha de 1917-1918.....	2\$40
Custo e colocação de fechaduras e chaves para as ditas.....	10\$32
Despesas da secretaria.....	6\$93
» » cobrança pelo correio.....	8\$9
	<hr/>
	219\$21

Saldo para o mês de Agosto..... 314\$84

Esc..... 534\$95

Balancete de Agosto de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....		314\$84
Cobrança :		
Quotas, 84.....	75\$60	
Anuncios do jornal	4\$46	
Venda de um jornal.....	\$64	
		<u>80\$70</u>
Esc.....		<u>395\$54</u>

DESPESA

Ordenado do escriptorario reformado.....	10\$00
» » » effectivo.....	15\$00
» » contínuo	16\$00
Despesas diversas.....	5\$74
Assinatura de jornais estrangeiros.....	16\$20
Impressão de avisos para as sessões de 13 e 27	2\$40
Instalação da linha telefónica.....	15\$00
Aumento de 15 % sobre 15\$00, valor da instalação telefónica.....	2\$25
Quota anual do telefone.....	45\$00
Aumento de 15 % sobre a quota anual de telefone.....	6\$75
Uma groza de penas sortidas	1\$60
Duas chaves para a secretaria	1\$40
Água consumida no mês de junho.....	1\$35
» » » » julho.....	1\$35
Aumento do ordenado do contínuo.....	8\$00
Despesas de cobrança pelo correio.....	1\$08
	<u>146\$12</u>
Saldo para o mês de Setembro.....	<u>246\$42</u>
Esc.....	<u>395\$54</u>

Balancete de Setembro de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....		246\$42
Cobrança :		
Quotas, 80.....	72\$00	
Excesso de consumo d'água no Laboratório ..	2\$16	
		<u>74\$16</u>
Esc.....		<u>320\$58</u>

DESPESA

Ordenado do escriptorario reformado.....	10\$00
» » » efectivo.....	15\$00
» » continuo.....	24\$00
Despesas diversas.....	3\$06
Água consumida no mês de Agosto.....	3\$51
Papel para expediente.....	4\$02
Obrigaçào sorteada a pagar.....	10\$00
Coupons pagos, 6.....	3\$00
	<hr/>
Saldo para o mês de Outubro.....	72\$59
	<hr/>
	247\$99

Esc.

320\$58

Balancete de Outubro de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....	247\$99
Cobrança:	
Quotas, 79.....	71\$10
	<hr/>
Esc.	319\$09

DESPESA

Ordenado do escriptorario reformado.....	10\$00
» » » efectivo.....	15\$00
» » continuo.....	24\$00
Despesas diversas.....	5\$10
» de cobrança pelo correio.....	1\$65
Água consumida no mês de Setembro.....	1\$35
	<hr/>
Saldo para o mês de Novembro.....	57\$10
	<hr/>
	261\$99
	<hr/>
Esc.	319\$09

Balancete de Novembro de 1918**RECEITA**

Saldo do mês anterior.....	261\$99
Cobrança:	
Quotas, 66.....	59\$40
	<hr/>
Esc.	321\$39

DESPESA

Ordenado do escriptorario reformado	10\$00
» » » efectivo	15\$00
» » continuo	24\$00
Despesas diversas	2\$25
» de cobrança pelo correio	51
	<hr/>
	51\$76
Saldo para o mês de Dezembro	269\$63
	<hr/>
Esc.	321\$39
	<hr/> <hr/>

Balancete de Dezembro de 1918**RECEITA**

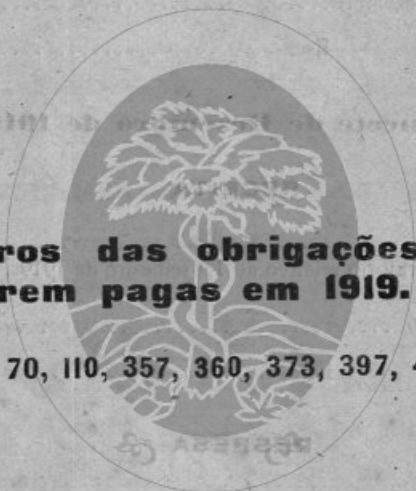
Saldo do mês anterior	269\$63
Arrandamento do Laboratorio relativo ao 1.º semestre de 1919	250\$00
Cobrança:	
Quotas, 66	59\$40
	<hr/>
Esc.	579\$03
	<hr/> <hr/>

DESPESA

Um coupon pago	50
Ordenado do escriptorario reformado	10\$00
» » » efectivo	15\$00
» » continuo	24\$00
Publicação de um anúncio no <i>Diário de Noticias</i>	8\$82
Impressão de avisos para as sessões de 3, 10 e 31 de Dezembro	4\$20
Limpeza do edificio	2\$18
Colocação de vidros	12\$25
Representação da Sociedade nos funerais de dois socios	7\$50
Água consumida nos meses de Outubro e Novembro	2\$70
Impressão de 500 circulares	9\$20
Obras no edificio	42\$35
Impressão do jornal (N.ºs 7 a 12 de 1917)	88\$60
Despesas diversas	11\$61
	<hr/>
	238\$91
Saldo para o mês de Janeiro de 1918	340\$12
	<hr/>
Esc.	579\$03
	<hr/> <hr/>

DESPESA

1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929



**Numeros das obrigações sorteadas
para serem pagas em 1919.**

1, 8, 70, 110, 357, 360, 373, 397, 462, 492.

**Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos**

1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929

INDICE

acção da luz sobre os microorganismos -----	pag. I a 22
A industria do carbonato de sodio e seus desenvolvimen- to -----	pag. 23 a 33
Os Hologeneos -----	" 44 " 45
Revista das Revistas -----	" 51 " 108
Formulario -----	" 109 " 110
Sociedade Farmaceutica sessões -----	" 110 " 128
Balancete de 1918 -----	" 128 " 135



*Contracção de ...
do laboratório ...
27 de Junho 1918 ----- pag. 123*

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

I N D I C E

ção da luz sobre os microorganismos --- pag. I a 32

Indústria do carbonato de sódio e seus desenvolvimen-
to --- par. 23 a 33

44 " 44 " 45

51 " 51 " 52

109 " 109 " 110

110 " 110 " 128

128 " 128 " 131



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE FARMACEUTICA
LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Farmaceutica Lusitana

Director — *Cisneiros e Faria*

Redacção e administração — Rua da Sociedade Farmaceutica
No Edificio da mesma Sociedade

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires
Prop. — Lib. 4 — Eleg. 10

Decima quinta serie — Ano de 1919 — Tomo IV ou V ?

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Composto e Impresso

NA

Avenida Duque de Loulé, 63
LISBOA

SÉDE
DA
SOCIEDADE FARMACEUTICA
LUSITANA

RUA DA SOCIEDADE FARMACEUTICA, ao Bairro Camões

EDIFÍCIO DA SOCIEDADE

LISBOA

DIRECÇÃO

Presidente — *Manoel Adriano Mourato Vermelho*

Vice-Presidente — *Joaquim Pedro de Moraes*

1.º Secretario — *Hildebrando José Gonçalves*

2.º Secretario — *Fadon Lizasso*

Tesoureiro — *Jão Simões Costa*

Vice-Tesoureiro — *Augusto J. C. d'Oliveira*

Bibliotecario — *José Maria Soares Teixeira*

Vice-Bibliotecario — *J. Augusto dos Santos*

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Director — *J. Alemão Cisneiros e Faria*

Vogais — *Pinto Fonseca e A. Dionísio Garras*

Suplente — *Carlos Candido Coutinho*

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Proprietaria - Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Redacção e administração
Rua da Sociedade Pharmaceutica
No edificio da mesma Sociedade

Composto e Impresso
NA
Avenida Duque de Loulé, 63

FERMENTOS E FERMENTAÇÕES

POR

BERNARDO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES

CAPITÃO FARMACEUTICO E 1.º ASSISTENTE DA ESCOLA DE FARMACIA DE LISBOA

A fermentação que, segundo a maioria dos autores, é uma reacção caracterizada pela transformação de uma determinada substancia, provocada pela presença de um outro corpo chamado fermento, não corresponde bem á realidade de todos os factos observados.

A reacção que o fermento provoca, é, na quasi totalidade dos casos, talvez sempre, uma reacção em via de conseguir-se, e o fermento não faz mais que acelerar a sua velocidade, cedendo á substancia passiva uma parte da sua *energia*, sem alteração da sua propria substancia.

Apesar dos numerosissimos trabalhos produzidos, a natureza intima dos fermentos e a forma como eles atuam, estão ainda por ilucidar e provavelmente não será pela analyse quimica que chegaremos á conhece-los definitivamente.

No estado atual da sciencia, e pondo de parte os fermentos figurados, que a descoberta de Buchner desfez, já se não póde afirmar que são substancias de natureza albuminoide, porque ás diastases vieram juntar-se os metaes em um grande estado de divisão, não falando nos agentes fisicos, electricidade, calor e luz, de ha muito conhecidos, que provocam acções cataliticas em tudo semelhantes ás fermentações biologicas.

Dissemos que não será provavelmente a analyse quimica que nos ensinará sobre os fermentos porque, seguindo a opinião de Arthus brilhantemente corroborada por Achalme, consideramo-los, não como especies quimicas definidas, mas como *forças*, provenientes de estados particulares da materia relacionados com fe-

nomenos electricos. Na realidade as propriedades das diastases aproximam-nos mais dos agentes fisicos (electricidade, calor, luz), que dos agentes quimicos e a substancia albuminoide é para as diastases o mesmo que é por exemplo o ferro para o magnetismo.

Embora a palavra *catalise*, fosse introduzida na sciencia por Berzelius em 1836, os fenomenos cataliticos eram já conhecidos e parece que foi um pharmaceutico russo, Kirchoff, quem, em S. Petersburgo, no principio do seculo passado, os observou pela primeira vez sacrificando o amido por um acido diluido, e constando que este, depois da reacção terminada, tinha ficado inalterado.

Thénard insistiu sobre a novidade destes fenomenos, estudando a acção da esponja de platina, bioxido de manganésio, etc., sobre a agua oxigenada e Mitscherlich pouco depois estudava detalhadamente a preparação do eter, mostrando que o acido sulfurico servia apenas de intermediario, encontrando-se na totalidade no final da reacção.

Foi depois dos trabalhos de Mitscherlich que Berzelius publicou um estudo conjunto destes fenomenos, chamando força catalitica á propriedade especial dos corpos que provocaram essas reacções. Liebig pretendeu explica-las, attribuindo-as ás transmissões do movimento do corpo catalisador ao catalisado, sob a influencia dos choques moleculares, mas esta hypothese combatida por Ostwald foi bem depressa posta de parte quando Pasteur demonstrou, ou mais precisamente julgou ter demonstrado, que a fermentação alcoolica era devida ao desenvolvimento da levedura.

A hypothese de Liebig, segundo Aichalmé, o principal inconveniente que tinha era ser muito avançada sobre as ideias do seu tempo e como ele pretendia generalisa-la ás acções biologicas a descoberta de Pasteur fe-la regeitar por completo, pois então ainda Buchner não havia demonstrado que eram os fermentos soluveis segregados pelas leveduras que produziam a fermentação alcoolica.

Apesar dos trabalhos de Berthelot em 1860, o estudo da catalise ficou por muito tempo parado. Este quimico dividiu as acções cataliticas em tres partes:

1.^a reacções produzidas pela influencia dos corpos porosos, cujo caracter é sobretudo fisico.

2.^a reacções produzidas pelos acidos e bases cujo caracter é especialmente quimico.

3.^a reacções produzidas pelos tecidos e principios azotados pertencentes aos organismos vivos, isto é, as fermentações.

Considera os dois primeiros dependentes de fenomenos electricos que se desenvolvem no momento de contacto dos corpos.

Mais tarde Ostwald, retomando os trabalhos de Berzelius, deu-lhes uma maior precisação, introduzindo no estudo dos fermentos a noção de *velocidade de reacção*. Para este sabio, um catalisador, é um corpo que aumenta a velocidade de uma reacção sem que ele proprio figure nos productos provenientes da mesma. Assim como afirmou Berzelius, para Ostwald o catalisador não é capaz de, por si só, provocar uma reacção e não faz mais do que diminuir o tempo necessario para que ela se produza. Trauler combatendo as afirmações de Ostwald, julga os catalisadores não só capazes de acelerar as reacções, mas tambem de as provocar.

Rebatendo um outro argumento serio, contrario á sua hipotese, derivado do facto de em algumas, aliaz raras, reacções num mesmo corpo poder dar origem a productos diferentes sob a acção de catalisadores diversos, Ostwald afirma que esses factos podem perfeitamente explicar-se pela complexidade dos productos que entram no composto, e assim um determinado catalisador favorecer ou tornar predominante, uma ou outra reacção possivel.

A definição de Ostwald, embora trouxesse um grande avanço para o estudo dos fenomenos cataliticos, padece dos defeitos de todas as definições que não abrangem todo o definido, pois apenas encara um dos lados do fenomeno, esquecendo outro de grande importancia que Solvay veio pôr em evidencia: a temperatura.

O termocatalisador de Solvay completa o de Ostwald. Com efeito, o catalisador não só acelera a velocidade de reacção, mas abaixa a temperatura á qual essa reacção pôde dar-se. Temos d'isso um exemplo frisantissimo nas trocas vitaes onde a oxidação do carbonio, sob a influencia dos catalisadores organicos, se faz a temperatura inferior a 40°, quando a oxidação directa, na ausencia de vapor d'agua, exige uma temperatura não inferior a 2500°.

Alargando pois a definição, poderemos dizer que catalisador é toda a substancia que, persistindo inalterada, actua de qualquer maneira sob uma determinada reacção.

Dos trabalhos realizados para conhecer a natureza das diastases, destaca-se, como um dos de maior valor, o devido a G. Bertrand. Este sabio tendo notado o papel predominante do calcio na acção da pectase, pensou se não seriam estas substancias mineraes, que até então eram consideradas impurezas, um dos factores mais importantes dos fermentos soluveis.

Desse trabalho e dos realizados pelos seus discipulos surgiu uma nova hipotese sobre a composição das diastases; estas seriam

formadas por dois elementos que se completavam: o primeiro, formado por um corpo inorganico bastaria para produzir a reacção e seria o *complemento activo* (codiastáse); o segundo de natureza organica teria por fim aumentar o poder de reacção no primeiro e sem o *complemento activante* (kinase).

Esta concepção embora não dê uma explicação absolutamente satisfatoria, foi no entanto muito fecunda, até sob o ponto de vista pratico, pois deu origem a uma nova industria: a dos adubos cataliticos.

Do que já hoje não resta duvida é que as diastases são substancias coloidaes, que foram definidas com muita precisão na tese de M.^{lle} Philoche do seguinte modo: *catalisadores coloidaes especificos*.

As teorias que tem sido propostas para explicar o mecanismo intimo das fermentações, isto é da catalise, são numerosas; desde Playfair que assemelha as acções cataliticas á afinidade quimica até á teoria electronica de Achalmé, que julgamos a mais harmonica com os factos observados, porque explica a quasi totalidade dos fenomenos cataliticos.

Citaremos alguns dos mais interessantes:

Teoria do estado nascente—Segundo Lövre, sob a influencia dos catalisadores a molecula scinde-se, dividindo-se em atomos e sob esta forma que corresponde ao estado nascente, a actividade quimica aumenta e a reacção acelera-se.

Os trabalhos de Crooke, Tribe e outros sobre a oclusão do hidrogenio na platina e no paladio, a opinião de Ramsay e as pesquisas de Winkelman sobre a passagem do hidrogenio atravez da platina são a favor desta interpretação—.

Teoria da ionisação—A hipotese de Steio é applicada aos gazes; é a transição entre as teorias anteriores e a de Euler, baseada na ionisação do meio. É incontestavel que a dissociação da agua em iões H e OH gosa um papel importantissimo nos fenomenos quimicos que se passam nas soluções aquosas, e, segundo a teoria de Euler o papel do catalisador é aumentar esta dissociação, apoiando a sua hipotese com o poder catalitico dos saes neutros, o que foi corroborado por Arrhenius e outros, mas esta teoria não explica satisfatoriamente a acção dos acidos e das bases e assim outros A. A. combinam esta hipotese com a

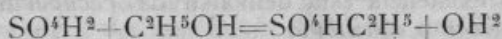
Teoria dos compostos intermediarios do catalisador e da substancia passiva.

Esta hipotese que é mais antiga e mais espalhada, depois das

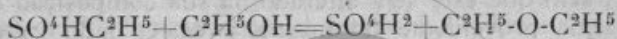
pesquisas de Williamson sobre a preparação do eter ordinario firmou-se solidamente.

Williamson demonstrou que a reacção se passa da seguinte forma:

1.^a fase:



2.^a fase:



Se na segunda fase se substituir o etanol por qualquer outro alcool, forma-se um eter mixto, o que prova que tudo se passa como no-lo mostra a equação.

Esta demonstração experimental de acção catalitica, faz alargar a hipotese das reacções intermediarias, mas apesar da brilhante demonstração, não se pode crer, por exemplo, que na decomposição da agua oxigenada pelo vidro em pó, se formem compostos intermediarios e por isso tambem esta teoria não pode ter um alcance geral.

Hipoteses fisicas — A mais antiga é a de Liebig que considera a catalise como uma reacção induzida e á qual já nos referimos.

Uma das teorias fisicas mais interessantes é a *teoria da resonancia* devido a Nageli; para este autor o movimento dos atomos que compõem a molecula é assaz poderoso para actuar sobre as substancias proximas e romper os laços que unem a molecula do catalisado, se os atomos deste não tem a mesma forma ou possuem outra frequencia de movimento.

Parece-nos mais de acordo com os factos observados a explicação oposta, isto é, o catalisador deve obrar sobre o catalisado quando a frequencia dos movimentos atomicos for igual, anglogamente ao facto que se dá com um diapasão, que vibra quando na sua proximidade se produz um som que está de harmonia com a amplitude das vibrações do mesmo diapasão.

Esta interpretação do fonomeno, tem ainda a vantagem de nos dar uma explicação da especificidade dos fermentos: a reacção só se produzirá quando a intensidade das vibrações for igual no catalisador e no catalisado.

Citaremos ainda a *teoria do radiamento* devida a Barendrecht e por ultimo a *Teoria electronica de Achalme* a que já fizemos referencia e se aproxima da hipotese de Liebig.

As reacções cataliticas, segundo Achalme, não diferem das

outras reacções quimicas, senão porque, no fim da reacção, o catalisador se encontra inalterado, pelo menos na apparencia.

Nas reacções quimicas os atomos ficam os mesmos nos dois termos da reacção e o mesmo se dá em relação á energia.

O catalisador é um corpo susceptivel de ceder uma parte da sua energia, sob a forma de electrons (atomos de electricidade negativa cuja existencia está demonstrada) recuperando-os depois para restabelecer o equilibrio

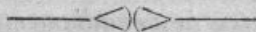
Não ha duvida que esta é a hipotese mais satisfatoria, pois é evidente que se a reacção se produz pela simples presença do catalisador, sem que este seja alterado na sua composição quimica, só a energia proveniente do mesmo pode ter dado origem á reacção,

Achalme considera todos os atomos unidos pelos electrons para formar as moleculas. (Ramsay julga os electrons intraatomicos e não interatomicos).

Na sua interpretação das acções diastasicas Achalme diz que *os fermentos soluveis são soluções coloidaes cuja fase solida é constituida por granulos formados de uma substancia albuminoide ou lipoide; á superficie destes granulos estão fixados por absorpção iões mineraes que lhe communicam uma determinada carga electrica.*

O movimento molecular leva ao contacto das micelas coloidaes a substancia passiva e o movimento Browniano assegura pela sua fricção continua, a igual repartição das substancias na massa liquida; ao contacto dos granulos carregados de electricidade, produz-se um novo arranjo dos electrons interatomicos do catalisado: a micela coloidal cede-lhe ou subtrae-lhe um ou varios electrons, provocando assim uma simplificação ou uma complicação molecular.

O granulo actua assim de uma maneira identica aos catalisadores fisicos e quimicos. A especificidade dos fermentos será devida á especificidade da carga electrica da micela coloidal e á analogia com a tensão electrolitica dos iões, permite supor que estará relacionada com a intensidade (voltage) e não com a quantidade de carga electrica.



O SERVIÇO FARMACEUTICO NO C. E. P.

Com os primeiros contingentes militares enviados para França em principios de 1917, seguiu uma formação sanitaria da qual fazia parte um farmaceutico; outras foram seguindo, á medida que as suas formações avançavam, marchando ainda outras destinadas aos hospitaes da base que foram instaladas em Ambletouse, pequena praia do norte da França, na embocadura da Slack, a 11 kilometros de Bologne-sur-mer.

Ao chegarmos a um grande acampamento recebemos a primeira impressão forte da guerra, uma infinidade de barracas destinadas a abrigar dezenas de milhares de homens e distribuidas mais ou menos ao longo de improvisados arruamentos, espraivam-se a perder de vista; é continuo o va-e-vem de militares e viaturas, e todo o acampamento prima pelo mais rigoroso estado de limpeza; a ordem é completa. Para além do acampamento, numa vasta extensão, avistam-se grande numero de barracas de aspecto mais confortavel — são os hospitaes — e mais para alem ainda dos hospitaes os campos de instrucção.

Somos logo informados por um colega chegado dias antes, de que, apesar do fogão regorgitar de carvão ao rubro, a temperatura na sua barraca tinha sido de -3° ; outro conta-nos as suas impressões dum recente alerta no acampamento, consequencia duma visita de aviões inimigos, que afinal seguiram o seu rumo sem novidade de maior.

Do acampamento á povoação mais proxima distam apenas uns 3 kilometros que comodamente se transpõem em tramway: todos os grandes edificios da povoação, taes como casinos, hotéis, etc., estão transformados em hospitaes; por todo o norte da França se encontram, de resto, hospitaes francezes, inglezes, canadianos, australianos, etc., e em todos elles se procura rodear os doentes do maior carinho e conforto. É notavel a ordem que preside ao transporte dos feridos dos comboios sanitarios para as ambulancias, e destas para os hospitaes; todo este serviço se faz no meio do mais rigoroso silencio.

Interessando-nos sobretudo a parte farmaceutica do serviço de saude, procuramos aproximar-nos dos nossos colegas francezes que sempre nos receberam com demonstrativas provas de apreço; mas a Farmacia Central de Paris que visitamos, — tendo o seu illustre director a amabilidade de nos fazer acompanhar por um colega numa visita minuciosa a todas as secções —, até aos hospitaes de campanha, resultaram sempre muito interessantes para nós as palestras que tivemos com os nossos illustres colegas sobre o serviço farmaceutico em campanha.

Quando chegamos a França os serviços de saúde da base portuguesa estavam em via de organização, e trabalhava-se com boa vontade para que os hospitaes se instalassem o mais rapidamente possível; os hospitaes n.ºs 1 e 2 da base franceza construídos proximo de Ambleteuse, como já dissemos, e mais tarde ali foi construído tambem o hospital da Cruz Vermelha Portuguesa, no qual prestou serviço o nosso falecido e saudoso colega Judice d'Oliveira.

Nos hospitaes organizados na frente e na secção de Bacteriologia e Higiene prestaram serviços alguns colegas, e nesta ultima formação estavam a cargo do farmaceutico as analises de aguas, bromatologicas e algumas analises clinicas.

Junto do deposito de material sanitario, em Calais, estava um farmaceutico, e durante algum tempo prestou serviços tambem num hospital inglez um outro colega nosso.

Cada hospital recebia uma carga inicial de medicamentos, variavel segundo a sua natureza e capacidade, e á medida que estes se exgotavam eram requisitados aos *stours* por intermedio dos farmaceuticos que faziam serviço junto das repartições de saúde; tornava-se assim facil o aprovisionamento de medicamentos devido á maneira metódica como estavam organizados os serviços.

O nosso hospital n.º 1 da base, o maior que possuímos em campanha, ocupava um vasto campo á margem das ribeiras d'Andrunelas, e, tal como foi construído, tinha capacidade para 1500 doentes aproximadamente; as enfermarias eram distribuidas em grupos de quatro constituindo um bloco; havia ainda grandes barracas destinadas a serem de operações, admissão de doentes, radiologia, farmacia, secretaria, arrecadações, lavanderia, casas de banho, estufa de desinfecção, messes de officaes, enfermeiras, pessoal menor, fornos crematorios, etc., etc.; vê-se por esta ligeira resenha o que era um grande hospital de campanha.

Com boa vontade e algum gosto, ajardinando os arruamentos, e procurando cada um dispor o melhor possível o interior das barracas que lhe eram destinadas, improvisando mobiliario e decoração, se conseguia um relativo conforto e bem estar.

A farmacia do H. B. 1 ocupou uma barraca aproximadamente de 8^m × 4^m destinada ao laboratorio, uma outra de eguaes dimensões para arrecadação, e ainda outras mais pequenas destinadas a armazenar fardos de algodão, gaze, ligaduras, etc., cuja existencia era sempre grande. No laboratorio da farmacia instalaram-se 3 grandes autoclaves destinados á esterilisação de pensos, luvas, etc., e ainda outras mais pequenas para a esterilisação de soros e solutos injectavis.

A preparação do soluto de Dakin, uma das conquistas scientificas da grande guerra, merecia especial cuidado; o soluto obtido

era sempre titulado; tendo-se fixado de principio o titulo de 0,475 0/0 em hipoclorito de sodio, teve mais tarde que baixar-se este titulo para 0,45 0/0 por indicação dos cirurgiões; na farmacia do H. B. 1 havia todo o material necessario para estas dosagens, mas d'alguns colegas soubemos nós, que á falta de material conveniente tiveram que recorrer a seringas e outros utensilios graduados que o acaso lhes deparava para obterem os seus solutos titulados. Os frascos para soros eram graduados por nós a traço de lima o melhor que as circunstancias o permitiam.

Os solutos injectaveis em empôlas de uso corrente entre nós eram pouco usados pelos medicos inglezes de modo que era muito limitada a sua existencia nos *stons*; só muito tarde conseguimos obter algumas empôlas enviadas pela Farmacia Central do Exercito. As dificuldades não permitiam que nos fosse fornecido todo o material por nós requisitado e destinado á preparação de empôlas de modo que tivemos que limitar-nos quasi sempre a preparar e distribuir em pequenos frascos os solutos injectaveis que assim eram distribuidos ás enfermarias.

As lenticulas hipodermicas de que possuíamos grande stock, pouco foram pedidas; sendo requisitadas no emtanto com mais frequencia, as lenticulas oftalmicas.

O comprimido—a forma farmaceutica mais pratica de campanha—foi largamente usado no nosso hospital, e nem sempre conseguimos obter aqueles de que careciamos, dado o largo uso que tinham em todo o exercito.

Para uso do H. B. 1 foi feito um formulario de campanha que apesar de bastante reduzido tinha ainda 139 formulas. Pelas necessidades de serviço o formulario era em portuguez com a tradução em inglez; por curiosidade mencionaremos algumas formulas muito conhecidas dos enfermeiros inglezes e pouco usadas entre nós.

N.º da Ordem dos Farmacêuticos

Mixt. Alb.

Magn. carb.	gr.	X
Magn. sulf.	dr.	I
Aq. menth. Pip. ad oz.		I

N.º 2

Mixt. Astringen

Bismuth carb.	gr.	XX
---------------	-----	----

Tr. catelm dr. $\frac{1}{2}$
 Mixt. cretac. ad oz. I

N.º 3

Mixt. Expect. Sim.

Ammon. carb. gr. IV
 » chlor. gr. II
 Vin. ipecae m. X
 Tr. Seneqae m. XXX
 Syrup. Simp. dr. I
 Aq. ad. oz. I

N.º 5

Mouth Wash

Alumen gr. X
 Vin. ipecal m. XXX
 Liq. arsenicalis m. X
 Tr. myrrhal m. X
 Aq. ad. oz. I

Era correntissimo o uso da seguinte formula:

N.º 8

Mixt. Ferri. et Quin. citr.

Three XV Co. gr. VIII
 Magn. sulph. gr. X
 Syr. simp. gr. X
 Tr. nucis. Vom. m. X
 Ag. clorof. ad oz. $\frac{1}{2}$

É muito curiosa a designação porque era conhecida a seguinte formula correspondente á Bromidia.

Three XV Co.

Tr. hyosc. m. XXX
 Tr. opii, m. XV
 Pot. brom. gr. XV
 Chloral. hydr. gr. XV

Ext. cannabis Ind. gr. $\frac{1}{3}$
Aq, ad. oz. 1

Junto da sala de operações e gabinete de radiologia do H. B. 1 havia também um laboratório de análises clínicas onde prestou serviço bastante tempo um colega nosso.

O H. B. 2 destinado ao tratamento das doenças venereas e isolamento era também um grande hospital de campanha, e foi o primeiro hospital que recebeu doentes na base portugueza; a farmacia primitiva d'este hospital foi mais tarde bastante ampliada para poder satisfazer as exigências do serviço.

No hospital da Cruz Vermelha portugueza o farmaceutico acumulava as funções de chefe da farmacia e do laboratório de análises clínicas.

A agua em campanha é uma das preocupações constantes dos chefes do serviço de saúde; na região por nós ocupada a agua era geralmente má, e a que se consumia no H. B. 1 era muito dura e com uma forte percentagem de clóretos (0,5 ‰ aproximadamente), o que de resto se explicava pela proximidade do mar; a agua d'um poço que analisamos tinha fortes quantidades de azotatos e azotitos. Em Ambleteuse ha poços em muitas casas, mas succede que ao lado do poço se encontra geralmente a fossa, e esta falta por si é suficiente para avaliar da qualidade da agua. A agua usada na preparação de medicamentos na farmacia do H. B. 1 era sempre esterilizada.

Foi largamente experimentada n'esta guerra a purificação das aguas pelo hipochlorito, que pela sua simplicidade, pouco dispendio e bons resultados, parece ser o processo de eleição quando posto em pratica convenientemente; ao farmaceutico compete, pelos seus conhecimentos de análises, pôr em execução os processos de purificação das aguas em campanha. A tecnica seguida, com ligeiras variantes, é a indicada por Gazeur e Carvelu: determina-se o titulo do hipochlorito de calcio em cloro, e uma vez conhecido este prepara-se á maneira ordinaria a agua de Javel, e junta-se respectivamente I, II, III, IV e V gotas da referida agua diluida a $\frac{1}{200}$ em 5 copos da capacidade de 150^{cc} contendo cada um 100 gr. da agua que se quer purificar; agita-se, e passados 20 minutos junta-se ao conteúdo de cada copo um pequeno cristal de iodeto de potassio e algumas gotas de cosimento d'amido. Supondo que a agua só começou a corar de azul no copo n.º 3, isto indica que é preciso juntar 3 gotas de agua de Javel pura a cada 20 litros de agua a purificar.

O envenenamento possível de fontes, poços, etc., pelo inimigo, levou hoje á necessidade de se vir preparado para campanha com os meios indispensaveis para as pesquisas dos toxicos na agua, e

os mais frequentes são as de alcaloides e d'algumas substancias, extremamente toxicas como o arsenio, acido cianhidrico, etc., os processos usados em campanha são os processos correntes de analise.

Como se deprehe do que deixamos exposto, é um pouco complexo o papel do farmaceutico em campanha, tornando-se necessaria por vezes a especialisação para se poderem satisfazer as multiplas exigencias do serviço.

Pinto Fonseca.

REVISTA DAS REVISTAS

QUIMICA INDUSTRIAL:

Acido acetico

Obtem-se acido acetico, tratando a acetilena por um soluto de acido persulfurico ou mesmo dos saes respectivos em presença do mercurio ou de saes mercuriaes. O rendimento é o teorico bastando uma só operação.

Oxicloreto de carbono

Por M. M. Grignard e Urbain

A preparação do fógeneo pelo oleum e tetracloroeto de carbono deve ser feita com aquele a 45 % para que o rendimento seja o maximo, deixando como residuo somente a cloridrina. Pode-se tambem empregar, quando não seja prejudicial a presença de um pouco de acido cloridrico no fógeneo, o acido sulfurico ordinario empregando como catalisador a terra de infusorios. (1)

Preparação da piperazina

Por M. M. David Pratt e Ch. Young

Parece que para a preparação da piperazina se pôde aproveitar a facilidade com que se condensa o brometo de etilena com a

(1) O acido sulfurico concentrado decompõe a 150° (aproximadamente) o tetracloroeto de carbono fornecendo oxicloreto de carbono e acidocloridrico, deixando como residuo a cloridrina sulfurica.

anilina. São varios os *brevets* alemães (D. R. P. n.ºs 60547, 65236 74628) concernentes ás diferentes fases desta preparação, mas os resultados obtidos segundo a descrição desses *brevets* são sem valor.

Os autores modificaram e aperfeiçoaram os metodos, obtendo assim um processo de fabricação que é susceptível de ser aplicado para a sua preparação em grande.

958 gr. de brometo de etilena, 527 gr. anilina e 375 gr. de carbonato de sodio anidro são aquecidos durante 5 a 6 horas á ebulição tranquila em aparelho com refrigerante de refluxo; é necessario agitar a mistura para evitar a formação de massas aglomeradas que são a causa de perdas e de complicações. O carbonato de sodio regularisa a acção do brometo de etilena sobre a anilina formando brometo de sodio em vez de brometo de anilina que se carbonisava.

Depois da reacção terminada, lava-se com agua quente para lhe extrair o brometo alcalino.

O rendimento em difenilpiperazina é de 90 a 95 % sendo sufficientemente pura para a preparação do seu derivado nitrado. Para esta primeira fase do processo é provavel que a industria possa substituir o brometo pelo cloreto de etilena.

Secar e pulverisar 574 gr. de difenilpiperazina e pôr em suspensão em 2200 c. c. de acido cloridrico concentrado e deitar por um tubo que mergulhe até ao fundo do balão, um soluto saturado de nitrato de sodio contendo 438 gr. agitar fortemente, mantendo a temperatura o mais baixo possivel; obtem-se um corpo cristalizado sem duvida o cloreto de dinitrosodifenilpiperazina que se decompõe em parte quando se pretende secar mas estavel no estado seco. Recolhe-se enxugando-o á trompa e lavando uma vez com agua. Deitar a substancia humida n'um soluto de bi-sulfito de sodio a 40 % contendo 1900 gr., mantendo o derivado nitrado em suspensão por agitação e aquecer até 80° c.; obtem-se um soluto avermelhado e uma quantidade consideravel de substancias solidas em suspensão que se eliminam por filtração.

Alcalinizar fortemente pela soda o soluto obtido e concentrar por distilação; ha libertação de amoniaco. Continuar a destillar a vapor sobreaquecida á temperatura de 160° c. obtido com banho d'oleo. A piperazina passa com o vapor podendo-se recolher em acido cloridrico; obtem-se assim 366 gr. de cloreto de piperazina que se pode purificar por cristalisações sucessivas em alcool ou converter em base livre por distilação com soda.

QUIMICA FARMACEUTICA:**Dosagem da Teobromina**

Por M. M. W. O. Emery e Spencer

Pode-se dosear a teobromina, quando só ou associada a salicilato ou acetato de sodio, transformando-a em periodeto.

Adiciona-se a 0.671 de teobromina igual peso de acetato de sodio, dissolve-se em 2 c. c. de acido acetico glacial, junta-se 5 c. c. de agua quente e deita-se este soluto para um balão graduado de 100 c. c., contendo 50 c. c. de soluto $\frac{1}{10}$ de iodo. Adiciona-se em seguida 20 c. c. de soluto saturado de cloreto de sodio e 2 c. c. de acido cloridrico concentrado. Deixa-se em contacto durante 18 horas, completa-se o volume e doseia-se o excesso do iodo n'uma parte aliquota do filtrado.

Identificação e dosagem do guaiacol sulfonato de potassio

Por M. Samuel Palkin

Trata-se a mistura onde se supõe existir o guaiacol sulfonato de potassio pelo acido cloridrico diluido e filtra-se.

N'uma porção de filtrado doseiam-se os sulfatos antes e depois da oxidação pelo peroxido de sodio (em soluto acido); o aumento de sulfatos depois da oxidação indica a presença d'um sulfonato.

Alcalinisa-se uma outra porção de filtrado e adiciona-se uma gota de diazo p-nitroanilina; se o liquido contem guaiacol sulfonato, cora-se de vermelho que vira a amarelo por acidificação.

O guaiacol sulfonato de potassio pode ser doseado por oxidação do enxofre, fazendo repetidas evaporações em presença do bromo e do acido nitrico.

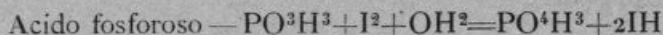
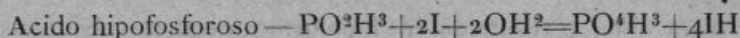
Acção do iodo sobre os acidos hipofosforoso e fosforoso—**Aplicação á dosagem dos hipofosfitos e fosfitos**

Por M. M. Boyer e Bauzil

Os acidos hipofosforoso e fosforoso oxidam-se com relativa facilidade transformando-se em acido fosforico. Esta facil oxidação faz-se em presença de reductores.

O reductor empregado na dosagem destes dois acidos é o iodo.

O iodo oxida-os segundo as equações:



Se bem que estas reacções sejam analogas, exigem, para que se deem, condições experimentaes diferentes.

Para o acido fosforoso é necessario operar em meio alcalino e para o acido hipofosforoso a reacção tem duas fases: a primeira fase só se produz em meio acido (o acido hipofosforoso é transformado em acido fosforoso) e a segunda só se dá em meio alcalino como já dissemos (a passagem do acido fosforoso a acido fosforico).

Os autores depois de estudarem a quantidade de acido a empregar para acidular o meio e o tempo necessario para a oxidação do hipofosfito, estudaram a velocidade de oxidação dos fosfitos pelo iodo em presença de varios alcalinos (soda caustica, carbonato de sodio e bicarbonato de sodio), dando-nos os seguintes metodos praticos para as dosagens do acido hipofosforoso e fosforoso.

Dosagem do acido hipofosforoso — (dosagem d'um hipofosfito). — N'um balão de 100 c. c. deitar um grama de hipofosfito a dosear, dissolver n'uma pequena porção d'agua distilada fervida e completar o volume. Deitar 10 c. c. d'este soluto n'um frasco branco de 100 c. c. — 120 c. c. de rolha esmerilada, adicionar 10 c. c. de soluto d'acido sulfurico (SO^4H^2 — 25 gr. agua q. s. para 100 c. c.) e 30 c. c. de soluto $n/10$ de iodo. Abandonar em lugar escuro durante 8 ou 10 horas pelo menos e dosear o excesso de iodo pelo hiposulfito $n/10$. Seja n o numero de c. c. gastos de hiposulfito.

Para exprimir o resultado em hipofosfito metalico substitue-se o factor 0,00328 por

$$\frac{\text{PO}^2\text{H}^3\text{M} + \text{XOH}^2}{2 \times 1000}$$

Os hipofosfitos pouco soluveis dissolvem-se em acido cloridrico ou sulfurico diluidos.

Dosagem do acido fosforoso — N'um balão de 100 c. c. dissolve-se um grama de fosfito e completa-se o volume com agua distilada fervida. Para um frasco branco mede-se 10 c. c. deste soluto. 10 c. c. de soluto de bicarbonato de sodio a 5 0/0 e 20 c. c. de soluto $n/10$ de iodo. Deixa-se 2 horas em sitio escuro, junta-se 10 c. c. de acido acetico a 10 0/0 e doseia-se o excesso de iodo pelo hiposulfito $n/10$. Seja n o numero de c. c. gastos.

$(20-n) \times 0,00407 \times 10 = PO^3H^3$ contido num grama de fosfito.

Para obter o resultado em hipofosfito metalico substitue-se o factor 0,00407 por

$$\frac{PO^3HM^2 + XOH^2}{2 \times 1000}$$

No caso duma mistura dos saes dos acidos fosforados de graus de oxidação diferente os fosfitos e hipofosfitos podem ser doseados pelos metodos indicados.

BALSAMO DE TOLU:

(Dosagem dos acidos livres)

Por M. M.T. Cooking e J. Kettle

Pesar 5 gr. de balsamo de tolu, deitar para um balão de 250 c. c., adicionar 25 c. c. d'alcool e dissolver a quente; depois de dissolvido o balsamo, juntar 5 gr. de magnesia e 20 c. c. de xilena misturar e adicionar 100 c. c. d'agua; adaptar ao balão um refrigerante ascendente e ferver durante uma hora. Depois de arrefecido, filtrar para separar a camada aquosa, deitando a camada que contem a xilena para o filtro; deitar para o balão o filtro e adicionar 100 c. c. d'agua, adaptar novamente o refrigerante e ferver durante uma hora; fazer depois mais um novo tratamento pela agua. Reunir os solutos aquosos, adicionar acido cloridrico e 20 c. c. de eter; os acidos precipitados dissolvem-se no eter; separar o soluto etereo, deixar evaporar até á secura no vacuo sulfurico em capsula tarada. Obtem-se o peso dos acidos livres.

Acidos totaes. — Saponificar a quente 2,875 de balsamo de tolu com soluto alcoolico de potassa, evaporar quasi totalmente o alcool e tratar o residuo por 100 c. c. d'agua quente e acidular pelo acido cloridrico; juntar então 5 gr. de magnesia, 20 c. c. de xilena e continuar a operação como para a dosagem dos acidos livres.

Análises de 12 amostras deram como limite minimo e maximo:

Acidos livres:	acido benzoico	— 6,63	— 9,12	0/0
	acido cinamico	— 10,69	— 15,9	»
Acidos combinados:	acido benzoico	— 5,94	— 11,1	»
	acido cinamico	— 6,56	— 10,13	»
Acidos totaes:		32,68	— 47,56	»

A dosagem do acido cinamico é baseada no aumento do peso dos acidos depois da bromuração

ANALISE DA SACARINA COMERCIAL:

Dosagem de O-benzoyl sulfonimida pelo amoniaco produzido por hidrolise

Por M. M. H. D. Richmond e C. A. Hill.

Os autores estudando mais metodos d'analises da sacarina, concluem que o processo de Reid é exato mas de difficil execução. O processo de Proctor dá resultados fracos e a descrição do metodo é insufficiente.

Os autores empregam o seguinte metodo com vantagens:

Libertam o amoniaco livre que possa existir na sacarina pela ebulição durante 2 minutos com 10 c. c. de soluto de hidrato de sodio a 30 0/0. Adicionam 15 c. c. de soluto d'acido cloridrico ($d=1,185$) e fervam durante 50 minutos em balão com refrigerantes ascendentes. Deixam arrefecer, juntam 15 c. c. de soluto de soda caustica a 30 0/0, distilam o amoniaco recolhendo-o em 20 c. c. de soluto d'acido cloridrico $\frac{2}{5}$ determinando o excesso d'acido em presença do metil-orange.

Novo processo de dosagem dos iodetos

Por M. Paul Godfrin

O metodo empregado pelo autor é baseado na acção do bi-cromato de potassio e acido cloridrico sobre os iodetos alcalinos.

Esta reacção foi primeiramente empregada para a dosagem volumetrica dos cromatos; Vohlard emprega para fixar o titulo dos solutos de hiposulfito de sodio, substituindo o soluto $\frac{2}{10}$ de iodo de preparação muito delicada, por um soluto equivalente e inalteravel de bi-cromato de potassio.

Não é ha mais tempo empregado para a dosagem dos iodetos devido á difficuldade que apresentava.

Estas difficuldades são: 1.º se o soluto de bi-cromato é muito concentrado reage sobre o iodo posto em liberdade fazendo-o passar ao estado de acido iodico por oxidação; este, reagindo sobre o iodeto de sodio durante a dosagem, liberta novamente iodo sendo portanto os resultados muito elevados.

2.º, o iodo posto em liberdade é transformado, durante a dosagem em iodeto de sodio; como se adiciona uma quantidade superior á teorica de acido cloridrico, o cloro libertado actua sobre o iodeto de sodio formado pondo iodo em liberdade; esta reacção continuará até que todo o acido cloridrico ou o bi-cromato se acabe sendo portanto os resultados tambem elevados.

Estas difficuldades evitam-se empregando solutos diluidos e adicionando ao liquido depois de libertó o iodo, acetato de sodio, pois que o acido acetico não tem acção sobre a mistura de iodeto e bicromato de potassio.

O autor emprega o seguinte modo operatorio:

O soluto de iodeto a dosear deve ter aproximadamente 1 0/0. N'um frasco ou n'um Erlenmeyer de 250 c. c. deita 10 c. c. de soluto de iodeto, 1 c. c. de soluto de bi-cromato de potassio a 1:10 e 15 gotas de acido cloridrico, agita e passado alguns minutos adiciona 18 a 20 c. c. de soluto de acetato de sodio a 10 0/0, 50 c. c. de agua e cosimento de amido, e d'uma burete deixa cair gota a gota o soluto de hiposulfito até ao desaparecimento da cor azul.

O iodo precipita sendo necessario agitar com força de cada vez que se adiciona o hiposulfito.

Os saes amoniacaes, nitratos e cloretos não teem influencia sobre os resultados.

A presença dos brometos é insignificante na dose de 0,75 0/0 mas em quantidade superior é prejudicial.

O autor emprega o seu metodo com leves modificações para a dosagem dos iodetos nas urinas,

Como a materia organica da urina absorve uma dada quantidade de iodo, o autor começa por tornar impossivel a absorpção do iodo que se liberta na reacção. A 10 c. c. de urina junta cosimento de amido e deixa cair gota a gota soluto alcoolico de iodo a 10 0/0 até coloração azul persistente durante meio minuto; adiciona depois 1 c. c. do soluto de bi-cromato a 10 0/0 e 16 gotas de acido cloridrico, agita e espera 3 minutos. Passado este tempo adiciona 18 a 20 c. c. de soluto de acetato de sodio a 10 0/0, 100 c. c. de agua distilada e gota a gota soluto de hiposulfito de sodio.

Seja n o numero de c. c. de soluto de hiposulfito de sodio empregados e n' o numero de c. c. do mesmo soluto que corresponde a 10 c. c. do soluto de iodo $n/10$. Designando por p o peso de iodo expresso em iodeto de potassio contido em 1000 c. c. de urina temos, tendo em linha de conta uma perda aproximada de 2,5 0/0.

$$p = \frac{17n}{n'}$$

Metodo rapido de dosagem do alcool

Por M. M. Nagendra Chandra Nay e Panna Lal

O processo indicado pelos autores é rapido não precisando de distilação e pode-se operar com pequenas quantidades de liquido.

Os autores fizeram varias dosagens pelo seu metodo e encontraram resultados concordantes com o metodo por distilação e determinação de densidade. N'um wiskey encontraram pelo seu metodo 39,45 e por distilação 39,47.

O processo consiste em adicionar a um volume conhecido de alcool (contido n'um tubo graduado em decimos de c. c.) um excesso de carbonato de potassio anidro. Se o alcool contem mais de 90% é necessario dilui-lo com agua distilada. Agitar fortemente e deixar repousar.

Por centrifugação a separação da-se mais rapidamente.

Formam-se 3 camadas: A 1.^a inferior de carbonato de potassio solido, a 2.^a uma camada liquida formada por soluto saturado de carbonato de potassio e a 3.^a uma camada superior formada por alcool hidratado de formula $4C^2H^5OH, OH^2$.

A camada aquosa de soluto saturado de carbonato de potassio retem por cada c. c. 0,00275 de alcool hidratado;

A seguinte formula permite calcular a percentagem de alcool absoluto existente no liquido a dosear.

$$\frac{(V+v \times 0,00275) (1 - 0,001068(t - 15,6)) \times 94,06 + 0,7936}{W}$$

V = Volume de alcool hidratado.

v = volume de soluto saturado de carbonato de potassio.

t = temperatura do liquido.

W = peso em grammas da quantidade de liquido a dosear

0,00275 = quantidade de alcool hidratado que se dissolveu em cada c. c. de soluto saturado de carbonato de potassio.

0,001068 = coeficiente de dilataçao aparente do alcool hidratado.

0,7936 = densidade do alcool absoluto a +15,6.

94,06 = percentagem de alcool absoluto existente no alcool hidratado $4C^2H^5OH, OH^2$.

Pesquisa das oximetiltraquinonas

(Journal de Belgique)

Pelo metodo adiante descrito pode-se dosar as oximetiltraquinonas livres e combinadas.

Deitar n'um balão o pó a analisar, seco a 60—70°; (ruibarbo 2 gr., séne 5 gr., etc.) 200 c. c. de cloroformio e ferver a B. M. durante 2 horas.

Deixar arrefecer o cloroformio e filtra-lo; lavar o pó com cloroformio e reunir os solutos cloroformicos. Exaurir a mistura com soluto de soda caustica a 5%. Juntar os solutos de soda e acidificar pelo acido cloridrico e exaurir este soluto pelo cloroformio; reunir estes solutos e evaporar á secura. Secar o residuo até peso constante. O peso obtido representa as oximetiltraquinonas livres.

Para dosar as oximetiltraquinonas combinadas juntar ao pó exaurido pelo cloroformio mais 200 c. c. de cloroformio. 50 c. c. de soluto d'acido sulfurico a 25% e ferver durante 2 1/2 horas afim de hidrolisar as combinações da oximetiltraquinona. Filtrar o cloroformio depois de arrefecido e exaurir este, com 50 c. c. de um soluto de bi-sulfito de sodio a 10%. Filtrar este soluto atravez d'uma camada de Kieselgur e adicionar 100 c. c. de soluto de acido cloridrico a 1%. Tratar pelo cloroformio, evaporar-lo á secura, secar o residuo até peso constante e pesar.

Empregando este metodo encontrou-se no séne 1,98 a 2,12% e na cascara sagrada 1,35 a 1,47% de oximetiltraquinonas totaes.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Pesquisa dos aldeidos no eter

Por M. G. Mave

Juntar a 1 c. c. d'eter a ensaiar 2 centigramas de carbonato de guaiacol, 10 c. c. d'agua e uma gota de soluto de percloroeto de ferro e deitar com cuidado de forma a não misturar 2 c. c. de acido sulfurico. O eter anestésico não deve dar anel vermelho; com o eter ordinario forma-se um anel vermelho devido á presença de aldeidos.

Nova reacção da pirocatequina e da adrenalina

Por M. Deniges

M. M. Grimbert e Leclere mostraram que a coloração verde azulada que os solutos de apomorfina tomam quando em contacto com o ar, se podem obter extemporaneamente fervendo estes solutos depois de lhes ter dissolvido acetato de sodio e bi-cloreto de mercurio.

Esta reacção bastante sensível pode-se também fazer com a morfina e seus derivados e a codeína.

Para isso basta aquecer alguns miligramas de alcaloide com 2 a 3 gotas de acido sulfurico concentrado até que a mistura escureça; depois de arrefecida, juntar 5 c. c. de soluto saturado de acetato de sodio e 2 gotas de soluto saturado de bi-cloreto de mercurio e ferver; o soluto cora-se de verde.

Outras substancias susceptiveis, como a apomorfina de se oxidarem espontaneamente ao ar se podem pesquisar pelo reagente de Grimbert e Leclere. A pirocatequina dá uma coloração vermelha-violeta e a materia corante formada é soluvel no eter, cloroformio o alcool amilico.

A adrenalina que é a metilaminopropanol-pirocatequina, dá nas mesmas condições coloração vermelha intensa. Esta coloração produz-se a frio mas mais rapidamente a quente, não devendo ultrapassar a temperatura de 40-50° c. pois que se descora a 70-80° c.

Esta reacção pode servir para a dosagem colorimetrica da adrenalina.

Centro de Documentação Farmacêutica

Estado do iodo nas algas maritimas

da Ordem dos Farmacêuticos

Por M. M. Okuda e T. Eto

As algas estudadas pelos autores (Ecklonia, Turbinaria Sargassum), só contem pequenissimas quantidades de iodo.

A maior parte do iodo encontra-se em combinação organica, não proteica, soluvel na agua, alcool, acidos e alcalis diluidos.

O acido sulfurico, a soda concentrada e os micro-organismos, decompõem a combinação organica do iodo.

O organismo vegetal não contem enzima capaz de efectuar esta decomposição.

A maior parte do iodo das algas mortas dissolve-se na agua pura e salgada de forma que se devem regeitar, para a extracção do iodo, as algas arrastadas pelo mar.

O piramidon como reagente

Por M. Eschaich

O piramidon, em soluto alcoolico a 1:10 é um excelente reagente dos oxidantes em geral e das anaeroxidases em particular; a sua solubilidade na agua permite substituir o soluto alcoolico pelo soluto aquoso logo que o alcool dificulte a reacção como por exemplo na identificação da goma arabica.

O autor dá-nos alguns casos em que se pode empregar o piramidon como reagente.

Pesquisa dos nitritos nas aguas.—A 2 c. c. d'agua a analisar junta 10 a 12 gotas de acido acetico e 2 c. c. de soluto de piramidon a 1:10. A presença dos nitritos (mesmo na dose de $\frac{1}{2}$ milligrama por $\frac{0}{00}$ c. c. dá coloração azul marino fugaz.

Esta reacção não é especifica podendo-se dar com o perclorato de ferro e outros oxidantes como por exemplo a agua oxigenada.

Pesquisa do sangue.—O piramidon não é um reagente especifico das anaeroxidases, sendo necessario adicionar piridina para lhe dar uma real especificidade.

O autor deita n'um tubo d'ensaio 1 c. c. de piridina, 1 c. c. de reagente, 2 c. c. d'agua oxigenada a 12 volumes e algumas gotas ou 1 c. c. do liquido que contem o sangue; produz-se coloração tão intensa como a do licor de Fehling. Por adição de acido acetico a coloração não é tão fugaz.

Distinção do leite cru do cosido.—N'um tubo deita 1 c. c. de reagente, 1 c. c. de piridina, 2 a 3 gotas d'agua oxigenada, 2 c. c. de leite e 10 a 12 gotas de acido acetico. Com o leite cru a coloração obtida é violacea, não se corando com o leite cosido.

Pesquisa dos cianetos.—O autor deita n'um tubo d'ensaio 1 c. c. de reagente, 1 c. c. de soluto de sulfato de cobre a 0,25 $\frac{0}{0}$, 10 a 12 gotas de acido acetico e algumas gotas do soluto de cianeto a ensaiar; produz-se coloração azul seguida de turvação.

Pesquisa dos saes de cobre.—Misturar 1 c. c. de reagente, 1 c. c. d'agua de louro-cerejo, 10 a 12 gotas de acido acetico e juntar gota a gota o soluto de sal de cobre sufficientemente diluido de forma a dar um soluto quasi incolor ou mesmo incolor. Obtem-se coloração azul.

Se se adicionar a 1 c. c. de reagente, 2 gotas d'agua oxigenada e o soluto de sal de cobre a mistura cora-se de azul intenso passando rapidamente a purpura.

Com o sangue a coloração purpura não tem lugar.

A presença da piridina mascara a reacção, obtendo-se coloração acinzentada.

O piramido azul não somente em presença do ácido cianídrico, mas também em presença da água oxigenada, reagindo portanto como no sangue ou no leite cru.

Pode-se pois assimilar o sulfato de cobre a uma anaeroxidase.

Dosagem de metais por eletrolise sem emprego de energia elétrica exterior

Por M. Maurice François

O aparelho empregado pelo autor é constituído por um cadinho de platina, de 20 a 25 c. c. de capacidade, uma lamina de níquel de meio milimetro de espessura, de 60^{mm} de comprimento e 12^{mm} de largura chanfrada até metade, parecendo portanto dois dentes de garfo. O intervalo entre os dois dentes é de 3^{mm} e serve para suportar uma vareta cilíndrica de zinco puro ou de alumínio de 5^{mm} de diametro e de 40^{mm} de altura tendo a 3^{mm} n'uma das suas extremidades duas escavações que permitam introduzir a vareta por entre a chanfradura, ficando portanto a vareta de zinco suspensa na lamina de níquel.

O autor verificou que para se não darem acções secundarias, muitas vezes devidas ás impurezas do zinco ou do alumínio que fazem com que o metal a dosear se deposite na vareta e não no cadinho, é necessario empregar o zinco amalgamado e coberto d'uma membrana porosa que pode ser o papel de filtro.

As varetas de zinco depois de cortadas do tamanho já marcado, feitas as escavações com uma lima são revestidas parcialmente d'uma camada protetora afim de limitar a parte atacada e evitar a subida do liquido ao longo da parte não emersa. Mergulham-se rapidamente até á altura das chanfraduras, n'uma mistura fundida de cera 100 p. e de negro de fumo 30 p. Com um canivete tira-se a cera da parte inferior da vareta até á altura de 5^{mm} aproximadamente.

Para o amalgamar procede-se da seguinte forma:

N'um cristallizador deita-se uma camada de um centimetro d'altura d'uma mistura de volumes iguais de ácido sulfurico a 10^{gr} por litro e de soluto de iodo mercurato de potassio contendo cada litro 100 gr. de iodeto mercurico e 75 gr. de iodeto de potassio. Mergulham-se as varetas durante uma hora e lavam-se depois em água corrente. As varetas assim preparadas duram tempo indefinido, sendo necessario na ocasião do emprego passar uma lima na parte chanfrada e envolver a parte isenta de cera em papel de filtro for-

mando um pequeno sacco atando-se na parte superior com linha de coser.

Dosagem da prata.— Seja por exemplo um sal soluvel o azotato de prata.

No cadinho de platina bem polido e recentemente calcinado, arrefecido e tarado, pesa-se aproximadamente $0^{gr},2$ ou quantidade um pouco superior; adiciona-se 2 c. c. d'agua para dissolver facilitando por agitacão com uma pequena vareta de vidro; depois de dissolvido junta-se 9 c. c. de soluto de cianeto de potassio a 10 $\%$, agita-se para dissolver o cianeto de prata formado e adiciona-se ainda 5 c. c. de soluto de potassa caustica a $36^{\circ}B$. (isenta de carbonatos) e 2 c. c. de amonia a 22° . Mistura-se e tira-se a vareta tendo-a lavado com algumas gotas d'agua distilada.

Se o sal não for soluvel na agua, dissolve-se nos 9 c. c. de soluto da cianeto.

N'um copo pequeno tendo diametro e capacidade aproximado ao do cadinho deita-se os mesmos liquidos, exceptuando o sal de prata e mergulha-se a vareta de zinco durante um minuto. Retira-se e mergulha-se rapidamente a vareta de zinco no cadinho que contem a prata a dosear.

Abandona-se durante 24 horas não se devendo tocar sobre pretexto algum. Passado este tempo a prata está depositada sob a forma de uma camada branca e bem aderente.

Tira-se a lamina e a vareta de zinco, decanta-se o liquido para verificar se ainda precipita ou escurece pelo sulfidrico e lava-se o cadinho com agua distilada, seca-se com cuidado sobre uma chama d'um bico de Bunsen e pesa-se.

Com o azotato de prata bem seco o autor obteve os seguintes resultados:

NO Ag empregado	Ag. obtida	Ag. teorica
$0^{gr},2054$	$0^{gr},1295$	$0^{gr},130$
$0^{gr},2148$	$0^{gr},135$	$0^{gr},136$

Dosagem do ouro.— A tecnica é a mesma para a dosagem da prata assim como o liquido a empregar. Deve-se empregar uma quantidade de sal d'ouro susceptivel de dar um deposito de $0^{gr},1$ de metal aproximadamente.

Dosagem do mercurio.— Para a dosagem do mercurio emprega-se um banho de acido sulfurico.

No cadinho pesa-se $0^{gr},500$ aproximadamente do sal de mercurio e adiciona-se, se é sal mercurico $0^{gr},5$ de iodeto de potassio e se é sal mercurioso $0^{gr},5$, de iodeto de potassio e $0^{gr},1$ de iodo.

N'esta mistura deita-se 5 c. c. de acido sulfurico a 10 $\%$ e

agita-se durante 5 minutos com uma vareta delgada de vidro para facilitar a acção do iodeto de potassio e do iodo. Sem importar saber se o sal de mercurio está todo dissolvido, tira-se a vareta de vidro que se lava, adiciona-se mais 10 c. c. do soluto d'acido sulfurico, mergulha-se a vareta de zinco amalgamado e abandona-se durante 24 horas. Passado este tempo tira-se a vareta de zinco e tira-se o liquido com uma chupeta substituindo-o por agua distilada, repetindo a operação tres vezes com agua, uma vez com alcoöl e uma outra com eter.

Os resultados são bons havendo uma ligeira perda.

	Hg %	Hg teorico %
Cl ² Hg	73,65	73,80
Br ² Hg	55,39	55,55
I ² Hg	43,77	44,05
OHg	92,52	92,59

Para tirar os depositos de prata e mercurio lava-se o cadinho com acido nitrico, lava-se depois com agua e calcina-se. Para tirar o deposito de ouro lava-se o cadinho com acido cloridrico fumante, tendo dissolvido alguns decigramas de anidrido cromico.

Ensaio do oxido de magnésio

A magnesia calcinada é um pó branco, insipido, sensivelmente insolúvel na agua, comunicando-lhe comtudo reacção levemente alcalina.

Dá a reacção dos saes de magnésio.

Podé conter:

Agua. — Secar na estufa 100° c. durante uma hora um determinado peso de magnesia calcinada.

Tolerancia 3 a 4 %.

Carbonato. — A magnesia calcinada deve-se dissolver facilmente, completamente e sem efervescencia em acido sulfurico diluido.

A efervescencia indica-nos a presença de carbonatos:

Carbonato de calcio como fraude e carbonato de magnesia proveniente ou da calcinação incompleta do hidro-carbonato, o que é muito frequente, ou da carbonatação da magnesia calcinada con-

servada em contacto com o ar. Esta carbonatação é impossível evitar, d'uma forma absoluta, devendo-se portanto admitir uma tolerancia. A perda por calcinação da magnesia secca a 100° não deverá ir além de 5 a 6 0/0.

Substancias estranhas.—O soluto sulfurico obtido no ensaio anterior deve ser completamente limpo. Se houver grande quantidade de saes de calcio o soluto é turvo; a turvação tambem pode ser devida á presença de silica, terra, argila, talco, etc. O soluto obtido pode ser limpo e contudo a magnesia conter saes alcalinos

Sulfatos, cloretos, aluminio e ferro.—O soluto nitrico não deve turvar sensivelmente pelo cloreto de bórico, (sulfatos) nem pelo nitrato de prata.

O soluto nitrico adicionado de cloreto de amonio e de amonio em excesso não deve dar precipitado. (aluminio e ferro).

M. Astruc diz que se deve tolerar 1 0/0 de sulfatos exp. em SO^4H^2 e 1 0/0 de cloretos exp. em Cl.

Saes de calcio.—(Processo de Astruc).—Disolver 0,1 de magnesia a ensaiar em 20 c. c. de soluto de acido acetico a 1:20 e adicionar 2 c. de soluto de acido oxalico a 6 0/0; não deve turvar sensivelmente passados 10 minutos. Pode-se considerar isenta de cal se não houver turvação, havendo-a poder-se-ha doscar pelo seguinte metodo indicado pelo autor.

M. Astruc emprega um processo original *dosagem diaphanometrica*, devido á dificuldade que apresenta a dosagem do calcio em presença de grande quantidade de magnesio.

Em varios tubos de ensaio deita 10 c. c. de soluto de acetato de magnesio preparado com 0,10 de magnesia calcinada pura 10 c. c. de soluto d'acido acetico a 1:20; adiciona a cada tubo volumes variaveis d'agua de cal titulada, junta a cada tubo q. b. d'agua para completar o volume de 25 c. c. e adiciona igualmente 5 a 6 c. c. de soluto d'acido oxalico a 6 0/0; agita.

N'um tubo d'ensaio dissolve 0,1 de magnesia a ensaiar em 10 c. c. de soluto acetico a 1:20, completa 25 c. c. com agua destilada e adiciona 5 a 6 c. c. de soluto de acido oxalico, agita e compara a turvação com os tubos que contem quantidades conhecidas de cal.

BACTERIOLOGIA:**Novo meio de cultura para o Gonococcus**

Por M. D. Thomson

Prepara-se o meio de agar-agar á maneira ordinaria com caldo de carne, 1 0/0 de peptona e 2,5 0/0 de agar-agar e dá-se-lhe reacção acida. Adiciona-se 9 gr. de cloreto de sodio, 0,25 de cloreto de calcio, 0,42, de cloreto de potassio por cada litro; adiciona-se em seguida 25 gr. de glucose 0/00.

Deita-se 4 c. c. para cada tubo; esterilisa-se em agua fervente e depois de esterilizado, quando a temperatura descer a 50° c., adiciona-se a cada tubo 1 c. c. de soro humano e mistura-se com cuidado. Deixa-se arrefecer mantendo os tubos inclinados.

Obtem-se um meio em que o gonococcus se desenvolve muito bem dando muito boas culturas.

Processo de coloração do bacilo da tuberculose

Por M. M. Lesieur, Jacquet e Pintenet

Secar, fixar a preparação e cobri-la com violeta de genciana fenicada que serve para fazer o Gram. (violeta de genciana 1 gr. e alcool a 90—95°—10°, depois de dissolvido adiciona-se soluto de acido fenico a 5 0/0 até obter 100 c. c.) e aquecer durante 3 minutos. Tirar o excesso de corante pela agua. Descorar a preparação com um soluto alcoolico de acido lactico a 3 0/0 em peso.

Um excesso de reagente descorante não tem importancia porque os bacilos de Koch não são atacados. Corar o fundo empregando para isso a safranina a 1:500 em agua de anilina. O fundo fica corado de vermelho palido e os bacilos de violeta escura.

QUIMICA BIOLOGICA:

Origem da Ureia

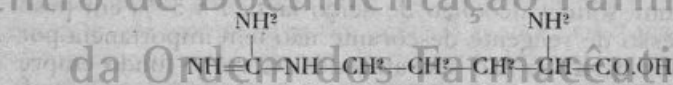
Por M. L. Grimbert

A acção do xantidrol sobre a ureia não deu somente a Fosse a ocasião de instituir um metodo rigoroso de dosagem, mas tambem permitir verificar a presença da ureia em diversos organismos, animais e vegetaes, e esclarecer a importante questão a *ureogenese*.

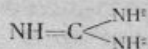
Durante muito tempo considerou-se a ureia como um produto de oxidação directa das materias proteicas e as experiencias de Bechamp, que nos disse ter obtido a ureia pela acção do permanganato de potassio sobre a albumina do ovo, parecia dar razão a esta hipotese. Mas os resultados de Bechamp, posto que confirmados por Riter, foram contestados pela maior parte dos quimicos, de forma que, faltando provas suficientes, uma duvida tinha ficado, acabando por ter sido posta de lado a hipotese.

Logo que a constituição da materia albuminoide foi melhor conhecida, atribuiu-se a formação da ureia á oxidação dos acidos aminados resultantes da sua degradação. As experiencias de Hofmeister, que obteve quantidades notaveis de ureia oxidando certos acidos aminados pelo permanganato em *presença do amoniaco* justificavam até certo ponto esta nova teoria.

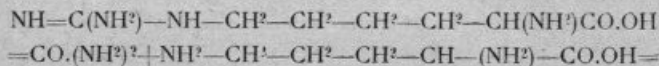
A presença quasi constante de *arginina* na molecula de diversas proteínas podia tambem explicar a formação da ureia por simples hidratação, foi que a arginina, acido guanidina-aminovalerico,



encerra um grupo ureogéneo, a guanidina,



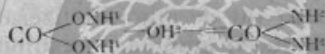
que facilmente se desdobra em ureia por hidratação. A arginina tratada pelos alcalis desdobra-se em ureia e acido diaminovalerico ou *ornithina* segundo a equação



Kossel demonstrou que este desdobramento produz-se no fígado pela accção d'uma diastase especial a que o autor chamou *arginase*. Mas a ureia assim obtida não representa senão a decima parte da ureia total eliminada pela urina.

Emfim, a teoria universalmente admitida até hoje é a seguinte:

As materias albuminoides pela accção de fermentos proteoliticos são transformadas nos seus constituintes, isto é, em acidos aminados. Uma parte destes acidos é utilizada pela célula para a alimentação dos tecidos e a outra parte, não empregada, é desdobrada por hidrolise e redução, em amoniaco e acidos gordos diversos. Estes ultimos completamente oxidados são transformados em CO^2 que se une ao amoniaco, sendo este carbonato de amonio que o fígado transforma em ureia por desidratação.



A combustão dos acidos gordos nunca é completa e uma certa quantidade fica sob a forma de acido oxalico, lactico, oxibutirico, etc., que fixam tambem amoniaco para dar saes amoniacos que não podem ser transformados em ureia pelo fígado (?)

E' pois uma parte do amoniaco resultante da desaminação dos amino-acidos que se transforma em ureia e esta quantidade será tanto mais elevada quanto mais perfeita for a oxidação dos acidos gordos, isto é, quanto mais ativas forem as combustões intra-organicas.

Esta concepção da ureogenese apoia-se sobre os factos seguintes: fazendo ingerir a um cão, citrato de sodio, a urina é *alcalina* devido á combustão completa do citrato que é transformado em carbonato que se elimina pela urina. Mas substituindo o citrato de sodio pelo de amonio, a urina eliminada é *acida*, a quantidade de amoniaco urinario pouco aumenta ao passo que a quantidade de ureia é aumentada em quantidade correspondente ao amoniaco desaparecido.

Como dissemos, admite-se, que esta transformação do amoniaco em ureia se realisa no fígado: Se se fizer circular sangue desfibrinado no fígado d'um cão em jejum o sangue não se enriquece em ureia: mas se juntar-mos a este sangue carbonato ou formiato de amonio, verifica-se que o sal amoniacal desaparece pouco a pouco sendo substituido por uma quantidade equivalente de ureia.

Lambling diz-nos que este facto mostra que o organismo é capaz de transformar em ureia o amoniaco que lhe vem *do exterior* mas «não demonstra que nas condições ordinarias da vida

a ureia tenha esta origem. Esta transformação pode ser uma operação de defesa do organismo contra a intoxicação pelo amoniaco».

A experiencia mostra que se isolarmos o figado d'um cão do circuito circulatorio depois de ter praticado a fistula d'Eck a quantidade de ureia diminue ao passo que a de amoniaco aumenta. Assim, n'uma experiencia o azote ureico baixou a 81,5 0/0, o azote total a 42,6 0/0 e o azote amoniacal elevou-se de 5 a 21,4 0/0. (Lambling).

Ora admitindo, como dissemos, que a transformação do amoniaco em ureia é devida a uma simples desidratação do carbonato de amonio, a descoberta no sangue e na urina de *vestigios* de carbamato de amonio $\text{CO} \begin{matrix} \text{ONH}^4 \\ \text{NH}^2 \end{matrix}$ (Drecksel 1875) e o facto dos cães com fistulas de Eck apresentarem os mesmos phenomenos de intoxicação como os provocados só por infecções intravenosas de carbamato de sodio ou de amonio, fizeram admitir a maior parte dos fisiologistas que o amoniaco resultante da desaminação das proteínas necessitava estar n'este estado para ser transformado em ureia pelo figado,

A nosso ver não tem importancia que seja o carbonato ou o carbamato, porque, quer seja um sal ou outro o mecanismo é o mesmo, uma desidratação; se é o carbonato perde uma molecula de agua, se é o carbamato perde duas.

A produção de carbamato d'amonio por degradação dos aminoacidos foi ultimamente posta em duvida (Nolf). O que seria interessante é saber como se opera esta desidratação.

Seja como fôr, vê-se que das teorias actuaes, os phenomenos d'oxidações não terão senão um papel secundario, o de fornecer acido carbonico para a formação do carbonato de amonio. A reacção predominante será uma reacção *endotermica* realisada nas celulas do figado por uma diastase cuja existencia falta ainda demonstrar «diastase que produziria em meio aquoso, a 40° c. o maximo, com rendimento extremamente elevado, uma desidratação que não é possivel realisar (senão d'uma forma muito limitada) em autoclava a 120° c. e partindo do carbonato d'amonio não dissolvido, solido».

«Se o carbonato d'amonio, corpo mineral, se transformasse em ureia, corpo organico, haveria no animal uma verdadeira sintese com absorção de calor, comparavel até certo ponto ás que servem de base á vida vegetal e somente com o fim de lutar contra a toxicidade do amoniaco».

As experiencias muito precisas de Fosse permitem-nos encarar o fenomeno da urogenese sob um ponto de vista diferente.

Experiencia de Fosse. — Fosse começou por repetir as experiencias de Béchamp.

Oxidando á temperatura de 75—80° c. a albumina do ôvo, coagulada (5 gr.) em suspensão n'agua (100^{cc}) pelo permanganato de potassio adicionado pouco a pouco (35 gr.) obteve depois de filtrado, um soluto a que adicionou 150 c. c. d'acido acetico cristalisavel e 30 c. c. de soluto alcoolico de xantidrol a 1:20. Houve formação d'um precipitado cristalino volumoso de xantilureia.

Os resultados annunciados por Béchamp estão pois confirmados. O mesmo resultado foi obtido com a globulina do ôvo, a albumina do sôro, a fibrina, a caseina, a gelatina e o gluten.

Mas como fez notar o autor, ainda que a ureia tenha origem em meio oxidante, não se poderá concluir *a priori* que a sua formação é devida exclusivamente a um processo de oxidação, porque uma simples hidrolise dos albuminoides pelos alcalis dá ureia.

E' ainda o xantidrol que permitiu a Fosse pôr em evidencia o modo de formação da ureia, pela acção dos alcalis que até então ainda se não tinha realisado directamente. 5 gr. de ôvoalbumina coagulada e o mesmo peso de potassa dissolvida em 50 c. c. de agua são mantidos em ebulição durante 20 minutos (em balão com refrigerante ascendente). O soluto é adicionado de 70 c. c. de acido acetico e depois de arrefecido adicionado de 20 c. c. de soluto alcoolico de xantidrol que deu um precipitado abundante de xantilureia.

Esta produção de ureia é devida á hidrolise do nucleo guanidico que faz parte integrante da molecula proteica.

Era então interessante saber se a ureia que se obtinha pela acção do permanganato de potassio sobre a materia proteica provinha exclusivamente deste nucleo guanidico.

Doseando exactamente a ureia resultante da oxidação da fibrina e da caseina pelo MO⁴K, compostos em que a sua riqueza em arginina é conhecida, Fosse obteve numeros superiores aos que seriam fornecidos pela arginina contida n'estes compostos, d'onde concluiu que as materias albuminoides podem dar origem a ureia por oxidação artificial; mas sob o ponto de vista de rendimento, a proporção de azote proteico assim transformado é muito pequeno.

A caseina oxidada pelo metodo descrito dá somente 3^{er},2 0/0 de ureia. Ora a ureia que deve ser fornecida pelo nucleo guanidico da caseina é de 1^{er},66, havendo portanto 1,54 0/0 de ureia formada sinteticamente por oxidação. Se admitirmos que a caseina tem 15,17 0/0 do azote proteico, vê-se que o azote da ureia formado por oxidação é somente 4,57 0/0 do azote total ou de 9,31 0/0 que se transforma em ureia total, hidrolisada e de synthese. «Vemos então como ainda estamos longe de saber o que se passa no organismo onde 80 a 85 0/0 de azote proteico ingerido é eliminado pela urina». (Fosse)

É de prever que haja outro modo de formação de ureia sem ser á custa dos albuminoides.

Tem um papel importante na urogenese a oxidação dos *hidratos de carbono e da glicerina em presença do amoniaco* demonstrado por Fosse em experiencias muito simples e facéis de repetir.

N'uma Erlenmeyer contendo 20 c. c. d'agua deitou um grama de glucose e 0,98 de amoniaco no estado de sulfato (3^{gr},38); dissolveu e adicionou, no espaço de uma hora agitante 9 gr. de permanganato de potassio em pó.

Aqueceu a B. M. a 50—60° c. até á completa destruição do permanganato (4 horas). Arrefeceu a mistura e adicionou 30 c. c. de acido acetico e filtrou; lavou o residuo e o balão com 20 c. c. de acido acetico que adicionou ao filtrado; adicionou 20 c. c. de soluto alcoolico de xantidrol a 1:20. Deixou em repouso durante 12 horas, filtrou, lavou com alcool e pesou. O peso de xantilureia foi de 0^{gr},5135 ou seja

ureia por 100 gr. de glucose..... 7,33

» » » » de amoniaco 7,73

Poder-se-ha objectar que esta experiencia, oxidação da glucose em presença de igual peso de amoniaco, é um pouco diferente do que se passa no organismo onde a quantidade de amoniaco produzido n'um dado tempo é muito menor do que a de glucose. Fosse responde-nos com a seguinte experiencia:

N'um tubo d'ensaio contendo 0^{gr},17 de MnO⁴K em pó, deitou 3 c. c. de soluto que continha 0,10 de glucose e 0^{gr},024 de amoniaco. Agitou fortemente a mistura, houve libertação de calor e solidificou-se n'uma massa escura. Adicionou 2 c. c. d'agua e ferveu até á completa descoloração, filtrou com sucção e lavou o residuo com 2 c. c. d'agua. Ao filtrado adicionou 4 c. c. de acido acetico e 1^{cc} de soluto alcoolico de xantidrol a 1:20. Separaram-se flocos de xantilureia.

Com processos microquimicos chega-se a demonstrar a formação de ureia por oxidação d'um soluto de glucose contendo 0^{gr},01 de amoniaco por litro.

Mas não é só o amoniaco que em presença da glucose produz importantes quantidades de ureia. A albumina, cujo rendimento em ureia, por oxidação artificial é muito fraco vemos esse rendimento aumentar consideravelmente quando em presença da glucose.

Da mesma forma a glicerina (constituente dos corpos gordos) oxidada pelos mesmos processos em presença do amoniaco dá igualmente ureia.

Assim, as tres classes de compostos carbonados dos seres viventes, proteicos, hidratos de carbono e gorduras, são capazes de fornecer ureia por oxidação, tendo parte nos fenomenos, até aqui misteriosos, da ureificação.

A descoberta de Fosse tem pois grande valor.

Explica claramente o mecanismo da transformação do amoniaco em ureia sem que seja necessario intervir o carbonato de amoniaco e a sua desidratação e não está em contradição com os factos observados.

Para explicar que em alguns estados patologicos, como a acedose, o aumento do amoniaco no sangue corresponde a uma diminuição equivalente de ureia, os autores classicos admitiam que o amoniaco era fixado pelos acidos organicos, não podendo ser transformados em ureia pelo figado.

Contudo, experiencias feitas por von Schröder mostra que o figado é capaz de transformar em ureia não sómente o carbonato ou o carbonato de amonio mas tambem o formiato, lactato, acetato e tartarato; só os saes amoniacaes dos acidos mineraes escapam á acção do figado. Mas é possivel que saes amoniacaes d'alguns acidos organicos ofereçam resistencia á sua transformação.

Seriam estes saes amoniacaes, que depois de atravessarem o figado sem serem modificados se encontrariam na urina não invalidando esta hipotese as experiencias de Fosse.

Se as experiencias que Fosse fez, empregando sulfato ou cloreto de amonio, oxidando-os em presença da glucose, foram satisfatorias é por que se serviu d'um reagente oxidante energico, o permanganato de potassio, podendo muito bem ser que os meios de oxidação de que dispõe o figado sejam mais limitados e que não tenha accção sobre alguns saes amoniacaes de acidos organicos.

Resumindo diremos que os hidratos de carbono teem um papel muito importante na formação da ureia, quer seja á custa dos albuminoides quer do amoniaco resultante da sua degradação, aparecendo com clareza a curiosa *relação*, até aqui ignorada, que *existe entre a glicogenese e a ureogenese*.

E' uma descoberta de importancia capital em biologia que honra a sciencia franceza. (1)

(1) Fosse tambem tem importantes trabalhos em que demonstra a presença constante de ureia nos vegetaes, tendo por origem os mesmos processos de oxidação como para os animaes e realizada entre elementos da mesma natureza: hidratos de carbono ou aldeido formico e amoniaco. Mas ao passo que nos animaes a ureia é um produto de excreção, nos vegetaes concorre para a sua nutrição depois de ter sido transformada em amoniaco, pela ureiase, que existe em certas celulas vegetaes.

Dosagens no suco gastrico

Por M. Cerbelaud

O autor não procede á incineração para a dosagem do cloro total e organico como no metodo de Hayem e Winter mas destroe a materia organica pelo permanganato de potassio em meio alcoolino.

Acidez total (metodo de Hayem e Winter) a 10 c. c. de suco gastrico filtrado, adiciona 3 a 4 gotas de soluto alcoolico de fenolftaleina e deita gota a gota até coloração rosea soluto $\frac{n}{10}$ de hidrato de sodio.

$$\text{Acidez exp. em ClH } \frac{n}{100} \\ n^{cc} \times 0,00365 \times 100$$

Para as dosagens das combinações do cloro M. Cerbelaud emprega 3 capsulas e um copo em vez de 3 como no soluto de Hayem e Winter.

Dosagem do cloro total. — N'um copo deita 5 c. c. de suco gastrico, 2 c. c. de lixivia de soda ($d=1,332$) isenta de cloretos e 2 c. c. de soluto de permanganato de potassio a 5 $\frac{n}{10}$; a mistura cora-se de verde e depois escurece; junta 10^{cc} de acido nitrico puro e mistura; ao fim de 10 a 15 minutos o liquido torna-se incolor; adiciona 50^{cc} d'agua distilada, 10^{cc} de soluto $\frac{n}{10}$ de nitrato de prata e 5 c. c. de soluto de alumen de ferro a 1:3, doseando em seguida o excesso de prata pelo sulfocianeto.

$$\text{Cloro total exp. em ClH } \frac{n}{100}$$

$$(10-n) \times 0,00365 \times 200 \text{ ou } (10-n) \times 0,73$$

Dosagem do cloro organico e do cloro fixo. — N'uma capsula deita 5 c. c. de suco gastrico, evapora á secura a B. M. e aquece o residuo a 100° durante uma hora, adiciona então 2 c. c. de lixivia de soda e 2 c. c. de soluto de permanganato de potassio e procede da mesma forma como para a dosagem do cloro total.

$$\text{Cloro organico e fixo exp. em ClH } \frac{n}{100}$$

$$(10-n) \times 0,00365 \times 200 \text{ ou } (10-n) \times 0,73$$

Dosagem do cloro fixo. — O autor faz a operação em duplicado.

Evapora á secura a B. M. 5 c. c. de suco gastrico contido em 2 capsulas (5 c. c. cada uma), incinera com uma lampada d'alcool ou com uma chama levemente iluminante d'um bico de Bun-

sen, afim de evitar uma forte calcinação que determinaria perda de cloretos. Logo que n'uma capsula o conteudo está simplesmente carbonisado, mas que não liberte produtos volateis, o autor adiciona a lixivia de soda e o soluto de permanganato de potassio e continua a dosagem pelo processo já indicado. O conteudo da outra capsula é calcinado até que as cinzas sejam acinzentadas; adiciona lixivia e permanganato de potassio, etc.

O cloro fixo exp. em ClH $\frac{3}{100}$ é

$$(10-n)+0,90365+200 \text{ ou } (10-n)+0,73$$

Se os numeros obtidos com estas duas dosagens são diferentes toma-se a medida.

Por este processo pode-se dosear em alguns minutos o cloro total. A dosagem de toda a variedade de cloro não demora mais de uma hora e meia.

O autor ainda nos dá a composição media do suco gastrico normal.

Acido total.....	1,92
Cloto total.....	8,21
Cloro organico+Cloro fixo.....	2,77
Cloro fixo.....	1,97
Cloro livre ou ClH activo.....	0,44 (Cl total—Cl organico)
Cloro organico.....	1,70
Relação do Cl total para o Cl fixo...	3

Dosagem do cloro no suco gastrico, soro, sangue e leite

Por M. M. Sirot e Joret

da Ordem dos Farmacêuticos

Os autores compararam os metodos usuaes (calcinação) com os seus metodos que consistem em dosear o cloro coagulando primeiramente as substancias albuminoides por um reagente precipitante apropriado.

Suco gastrico.—Doseia-se o cloro sob quatro formas segundo Hayem e Winter, cloro total (T); acido cloridrico livre (H); cloro fixo (F) e cloro combinado ás materias organicas (C).

Dosagem do cloro total pelo metodo dos autores.—Deitar n'um balão quadrado de 100 c. c., 10 a 20 c. c. de suco gastrico filtrado, 10 a 20 c. c. de reagente de Esbach e completar o volume de 100 c. c.; agitar e filtrar; dosear os cloretos n'uma parte aliquota do filtrado pelo metodo de Charpentier e Volhaad (sepa-

rando o cloreto de prata por uma segunda filtração, tendo adicionado um pouco de talco).

Dosagem do cloro mineral e organico. — Deitar n'uma capsula 10 a 20 c. c. de suco gastrico e evaporar para expulsar o acido cloridrico livre de Hayem e Winter; tratar o residuo por um pouco de agua quente, deitar para um balão de 100 c. c., adicionar reagente de Esbach e seguir a marcha indicada.

Cloro fixo. — Calcinar como para o metodo de Hayem e Winter.

Dosagem do cloro no sangue. — Os autores descrevem-nos o processo quimico da dosagem do cloro no sangue (calcinação de sodio) e empregam os seus metodos menos trabalhosos e bastante exactos não sendo necessaria a calcinação, precipitando as substancias albuminoides não pelo reagente de Esbach porque seria necessario empregar grande quantidade de reagente mas sim pelo metaphosfato de sodio acidificado (Denigés). O metodo é o seguinte:

Deitar n'um balão de 200 c. c., 20 c. c. de sangue, juntar 75 c. c. d'agua, 8 a 10 gotas de acido nitrico puro, 20 c. c. de soluto de metaphosfato de sodio a 5% e 1,5 c. c. de acido acetico; completar o volume, agitar fortemente e filtrar.

N'uma parte aliquota dosear o cloro pelo metodo de Charpentier e Volhaad.

Dosagem dos cloretos nos leites. — No leite pode-se precipitar as substancias albuminoides, quer pelo reagente de Esbach, quer pelo metaphosfato de sodio quer ainda pelo sub acetato de chumbo.

Quando se faz a precipitação pelo metaphosfato é necessario acidificar primeiro pelo acido nitrico e adicionar o reagente em seguida; a filtração é rapida e o filtrado é limpido, o que não acontece se não acidificar-mos pelo acido nitrico.

Se se empregar o reagente de Esbach é necessario adicionar a 20 c. c. de leite, 20 a 30^{cc} de reagente de Esbach, completar o volume de 200 c. c. e dosear de cloretos pelo metodo já indicado.

Substituindo o reagente de Esbach pelo metaphosfato emprega-se 20 c. c. de leite, 75 c. c. d'agua adicionar 8 a 10 gotas de acido nitrico puro, 6 c. c. do soluto de metaphosfato e 0^{gr},6 de acido acetico. Completar o volume de 200 c. c., agitar, filtrar e dosear os cloretos.

As materias albuminoides do leite da mulher precipitam mais facilmente com o reagente de Esbach.

QUIMICA TOXICOLOGICA:

A descoberta das ptomainas, leucomainas e de noção da vida anaerobia dos tecidos (1)

Pelo prof. Armand Gautier, membro do Instituto e socio honorario da Sociedade de Quimica Portugueza.

Com venia transcrevemos da *Revista de Quimica pura e aplicada* o interessante artigo do grande prof. francez Armand Gautier:

«No decurso das minhas investigações de 1865-1869, sobre os nitritos e o acido cianidrico, tinha sido impressionado pela singular propriedade que possui este ultimo corpo de se transformar, sob a influencia dos minimos vestigios de alcalis e de agua, em compostos complexos, denominados: *aqulmicos*, dos quaes já tinha conseguido extrair uma serie de substancias que pareceram singularmente proximas das que derivam do desdobraimento dos albuminoides na celula viva. Tive desde logo o pensamento, justo ou falso, de que a synthese dos albuminoides nos vegetaes poderia estar ligada á redução dos nitritos vindos do solo, reduzidos talvez pelo aldeido formico, produzido, como sabemos, na folha á custa do acido carbonico e da agua sob a acção dos raios solares. A minha hypothese era expressa pela equação:



Parecia-me provavel que o acido cianidrico assim formado podia unir-se por sua vez ao proprio aldeido formico (2) para dar compostos organicos azotados complexos, dos quaes talvez os albuminoides foram originarios.

Por isso é que fui levado a passar do estudo dos cianetos ao dos corpos proteicos.

N'esta época longinqua duas escolas professavam opiniões contrarias relativamente á constituição destes corpos: uma delas admitia que todas estas substancias são pouco mais ou menos identicas, formadas dum nucleo azotado, complexo *commun*, ao qual se veem juntar diversas substancias mineraes ou gazozas que modificam ligeiramente as aptidões e apparencias exteriores geraes da molecula complexa: solubilidade, coagulabilidade, digestibilidade, etc. A outra escola pensava que, embora tendo entre si grandes analogias, estes

(1) Este trecho faz parte da memoria intitulada *Sur l'esprit d'invention*, publicada na *Revue Scientifique* de 7 de dezembro de 1912.

(2) N'esta época já tinha realisado, com o meu velho amigo *Hasewell Simpson*, a primeira união do acido cianidrico com um aldeido.

corpos proteicos deviam diferir sensivelmente pela sua constituição organica, pela sua composição e estrutura, como diferem, por exemplo, os hidrocarbonetos da mesma serie ou os corpos gordos.

Propunha-me a examinar esta questão, então muito debatida, e tentei substituir n'esta ou n'aquella destas substancias naturaes um reagente alcalino á cal, que elas contêm notoriamente, e examinei depois o efeito desta substancia sobre a solubilidade, a dialisabilidade, a coagulabilidade e a digestibilidade, etc., dessas substancias. Foi assim que, depois de ter dissolvido a fibrina n'um excesso de sal marinho ou de ter tirado por dialise o excesso de sal não combinado, tentei comparar o produto solúvel assim obtido com a albumina do ovo purificada.

Estas investigações em breve conduziram-me á conclusão de que não é possível admitir, nas substancias albuminoides, um nucleo proteico comum, e que elas diferem realmente entre si pela sua composição e seus derivados. Foi a epoca (1872) em que emiti tambem a hipótese, que pensava, mas que soube mais tarde ter sido pensada por J. B. Dumas, que a digestão dos albuminoides consiste essencialmente n'um desdobraimento hidrolitico simplificador, comparavel a uma saponificação. Foi assim que passei logicamente do acido cianidrico para o estudo da digestão gastrica.

Tinha conservado, por acaso, no decurso d'estas investigações na primavera de 1872 um bocal cheio de fibrina humida. Não tardou a putrefazer-se: libertou-se dela um odor fétido e amoniacal. Foi isto a principio uma contrariedade; mas, refletindo na observação que eu acabava de fazer, sem querer, tive o pensamento de que era pouco provavel que os corpos proteicos, os mais complexos dos corpos azotados combinados, tivessem assim a aptidão de perder o seu azote no estado de amoniaco, sem que apparecessem cadeias azotadas intermediarias, amidadas ou talvez alcaloidicas, porque não esquecia que *Mil-lon* tinha outrora mostrado as analogias longinquoas dos albuminoides soluveis com os alcalis vegetaes.

Tinha eu constatado além disso que, durante a putrefação, o amoniaco que se forma é acompanhado de metilaminas. Propuz-me, pois, a procurar, em conjunto, entre os derivados da fibrina, libertados no decurso da fermentação bacteriana, os alcaloides que aí previa.

Foi assim que partindo duma ideia preconcebida, descobri, e separei, com efeito, as primeiras bases putrefactivas, as que *Selmi* chamou mais tarde *ptomainas*,

No decurso duma investigação medico-legal, tinha *Selmi* em 1872, entrevisto nas visceras do cadaver exhumado duma mulher, que se suspeitava ter sido envenenada criminosamente, vestigios duma base analoga á *coricina*. Dois anos depois (1874), os indicios desta mesma base foram de novo encontrados por ele nas visceras apodrecidas dum general italiano.

Mas as teorias então dominantes queriam que todo o alcaloide organico fosse originario dos vegetaes, porque todos os que se conheciam então, morfina, codeína, cicutina, estriocina, atropina, quinina, etc., tinham, com efeito, esta origem vegetal. Tanto assim que *Selmi* pensou que os alcaloides, que tinha en-

trevisto nas visceras de diversos cadaveres deviam provir das materias vegetaes absorvidas pelas vitimas nas suas ultimas refeições. Tambem de 1873 a 1876, com os seus melhores discipulos, ele procurou estes alcaloides de origem vegetal no pão, no milho, em diversos legumes, etc. Só em 9 de dezembro de 1877 é que o celebre toxicologista italiano se decidiu anunciar á Academia das Sciencias de Bolonha que a albumina pura, ao putrefazer-se, dá origem a verdadeiros alcaloides. E' o que eu tinha directamente estabelecido e publicado quatro anos antes como complemento ao meu estudo sobre a fibrina, como o proprio *Selmi* reconheceu depois.

Não é este um exemplo frizante do que pode uma falsa teoria para embaraçar, limitando os voos, dum espirito, e dum espirito eminente, num sistema que durante anos lhe esconde a verdade?

Ambos nós tinhamos entrevisto estas misteriosas ptomainas; mas, por assim dizer, não as conheciamos. Retomando, em 1879, estas investigações, com o meu chefe de laboratorio de então, *A. Flard*, chegámos enfim a extrair da carne, do peixe, dos crustaceos, etc., abandonados em quantidades consideraveis á acção fermentativa das bacterias, uma quantidade sufficiente destes alcaloides para os separar, analisar e por fim classificar. Os que nós isolámos então em maiores proporções reconheceu-se que pertenciam a series piridica e hidropiridica. A nossa dihidrocolidina, com cheiro a silindras, foi mesmo a primeira destas bases hidropiridicas que *Wurtz*, *Ladenburg* e outros tentaram então produzir por via de hidrogenação.

Estudando com cuidado a genese destes corpos alcaloidicos e o conjunto dos compostos que os acompanham, não fiquei pouco surpreendido ao notar que estas substancias são as mesmas que se formam nas nossas celulas e tecidos em actividade normal: leucina, alanina, tirosina, acido lactico, acido succinico, acidos gordos, acido carbonico, etc. E' verdade que faltava a ureia, mas pareceu-me ser substituida nas fermentações bacterianas pelos produtos da sua hidrolise; o acido carbonico e o amoniaco, que se formam abundantemente n'estes casos. Foi assim que lentamente, pouco a pouco, cheguei a esta concepção, bem nova então, que a vida das células animais é, na sua intimidade, sob todos os pontos de vista comparavel á vida microbiana anaerobia. As nossas celulas, como as bacterias putrefactivas desassimilam por via de hidrolise os principios proteicos, transformando-os nos mesmos produtos que resultam da fermentação bacteriana: glicocola, leucina, butalanina, tirosina, etc. Destes corpos amidados resultam, em seguida por perda de amoniaco, os acidos correspondentes que encontram á periferia de celula, no sangue e na linfa a potassa e a soda a que eles se unem, e finalmente o oxigenio que, queimando estes saes alcalinos, transforma definitivamente a materia organica em agua e acido carbonico.

Quanto ao amoniaco, de que se viu acima a origem, forma com acido carbonico ambiente carbonato de amoniaco ou de ureia especialmente na celula hepatica.

Foi assim que o estudo pormenorizado da fermentação bacteriana me levou a conceber que o trabalho dos nossos tecidos e das nossas glandulas se faz em duas fases; uma primitiva, *intracelular*, hidrolisante e reductora, sem nenhu-

ma intervenção do oxigenio exterior; a outra, *pericelular*, acrobica, onde o oxigenio, introduzido pela respiração, vem queimar os productos formados no decurso da primeira fase e fornecer assim esses residuos carbonados que a pele, os pulmões e os rins expulsam, ao mesmo tempo que aparece a maior parte da energia mecanica e calorica necessaria ao organismo.

Mas se o funcionamento dos nossos tecidos e das nossas glandulas é primitivamente anaerobio, comparavel ao funcionamento das bacterias, é preciso, parece, que nesta primeira fase da vida celular se formem tambem productos alcaloidicos correspondentes ás ptomainas bacterianas. Foi por este raciocinio muito simples que eu fui levado a descobrir as bases animaes ás quaes dei o nome de *leucomainas*.

Notei tambem que a maior parte dos productos da vida anaerobica, microbiana ou celular, são mais ou menos venenosos, que, por conseguinte, formando-se incessantemente nos nossos orgãos, é preciso, para que o funcionamento do ser vivo continue normal, que estes corpos mais ou menos toxicos desapareçam, destruidos graças ás oxidações, ou eliminados pelos rins, pelos pulmões, pela pele ou pelos intestinos. Pelo contrario, se chegam a acumular-se no organismo, em breve resulta disto o estado anormal, a doença. (1)

Actuando então sobre os centros nervosos, escrevia eu em 1881, estes principios tornam-se a origem duma serie de fenomenos de ordem patologica que se desenvolvem e se sucedem necessariamente, e cujo conjunto contribue para formar o quadrado de cada doença.

Foi assim que, pela primeira vez, foi analisada a genese do estado patologico, que a doença foi concebida como uma intoxicação de ordem quimica de origem autonoma e, pelas afecções contagiosas devidas a microbios, atribuidas ás secreções toxicas dos seres inferiores.

Sem theorias sem opinião antecipada, tentando compreender as analogias e as relações dos fenomenos que observava com os factos já conhecidos, pude passar assim do estado do acido cianidrico e dos seus derivados ao dos corpos proteicos, á explicação da sua digestão, á descoberta das bases putrefactivas e das leucomainas á concepção inesperada do funcionamento primitivo essencialmente anaerobio da celula animal, emfim á explicação racional do mecanismo pelo qual se estabelece o estado patologico autonómico e a intoxicação microbiana.

Seguramente o estudo dos cianetos não comportava estas consequencias, e os raciocinios de sentimento que me guiaram tiveram que ser, por varias vezes, revistos e corrigidos; mas creio que as deducções rigorosas, abstratas, das premissas de que partira, e a luz das theorias que reinavam então, teriam antes estorvado e obscurecido o meu pensamento do que iluminado.

(1) Bull. Acad. Méd., outubro 1881.

FARMACOTECNIA:**Compressas de gaze que não aderem ás feridas**

Por M. Delaunay

Vazelina solida.....	30 gr.
Vazelina liquida.....	30 »
Benzina ou gazolina....	30 c. c.

Dissolva a B. M. a vaselina solida na liquida e adicione a gazolina.

Põem-se 100 gr. de compressas em pilha e verte-se sobre elas o soluto dividindo o melhor possível. Para que a impregnação se faça conveniente, comprimem-se as compressas e mudam-se as de baixo para cima e depois as do meio.

Deixa-se em contacto durante 1 a 2 horas. Secam-se ao ar livre e esterilizam-se.

As injeções d'oxido de estanho em suspensão coloidal nas gripes complicadas

Por M. Netter

O autor depois de experimentar varios meios para combater a gripe, verificou que o oxido de estanho em solução coloidal lhe deu bons resultados. M. Netter empregou o oxido de estanho depois de o dr. Seu, de Rouville lhe ter feito a comunicação dos excellentes resultados que obteve. M. Netter mandou analizar as empôlas de oxido de estanho utilizadas pelo dr. Seu.

Estas empôlas continham 2 c. c. dum liquido incolor tendo um pequeno deposito branco, por agitação tornava-se n'uma emulsão leitosa. M. Bougault, pharmaceutico no hospital de Trousseau, verificou a presença de estanho e de materia organica não azotada, tendo os caracteres dos hidratos de carbono. O liquido não é, propriamente dito, um soluto coloidal de estanho, mas sim um precipitado em suspensão; os grãos são de dimensões microscopicas, o numero de grãos ultramicroscopicos é quasi nulo; a n maior parte teem um diametro de 0^{cc},8 e alguns atingem 1^{cc},3 e 1^{cc},5.

O liquido contido nas empôlas é um acido borico de estanho

obtido por via química e posto em suspensão n'um soluto de goma.

O medicamento é administrado em injeções intramusculares; são pouco dolorosas sobretudo se o liquido fôr misturado com oleo canforado, não provocando nenhuma reacção.

O oxido de estanho em suspensão exerce acção favoravel aos individuos atacados de gripe complicada; seu emprego diminue a duração da doença, diminue a gravidade e reduz a mortalidade.

Incompatibilidades do sulfato neutro de estriçnina

Por M. E. Cabanes

É bem conhecida a incompatibilidade do sulfato de estriçnina, quer com o cacodilato de sodio quer com o glicerofosfato de sodio.

Com o cacodilato de sodio forma-se cacodilato de estriçnina pouco solúvel na agua.

Com effeito, se quizermos preparar a formula já quasi classica :

Cacodilato de sodio.....	0gr,50
Sulfato de estriçnina.....	0gr,02 ou 0gr,03
Agua distilada fervida q. b. para.....	10cc

o soluto fica completamente limpido mas passado pouco tempo depois apparece um precipitado cristalino que se adere fortemente ás paredes do frasco.

O autor indica-nos a seguinte formula, que dando um soluto completamente limpido contem todos os elementos necessarios:

Cacodilato de sodio.....	0gr,50
Sulfato neutro de estriçnina.....	0gr,02
Alcool a 90º.....	4gr
Glicerina de 30º.....	2gr
Agua distilada fervida q. b. para.....	10 c. c.

As quantidades de glicerina e de alcool são as minimas para tornarem indolores as injeções.

Purificação da Goma arábica

Por Borntraeger

Dissolver 10 kilos de goma em 30 litros de agua distilada (a goma deve estar embrulhada n'um pano á superficie da agua para reter todas as impurezas insolueveis); adicionar ao soluto 50 litros d'alcool acidulado pelo acido cloridrico; precipita o acido arabico branco, que se faz secar sobre chapas metalicas.

A goma obtida dá solutos quasi limpidos, possuindo grande poder adesivo. Rendimento segundo o autor 88 %.

Solutos hipodermicos isotonicos

Por M. Hattie

Para diminuir a dôr o autor aconselha tornar o mais isotanico possivel os solutos a injetar.

Quantidades de cloreto de sodio a adicionar a cada 100^{cc} de soluto dos alcaloides seguintes: cloreto de morfina a 1 % — 0,76; a 2 % — 0,62; a 3 % — 0,43

Cloreto de morfina a 1 % + brometo de escopolamina a 0,02 % — 0,73.

Cloreto de cocaina a 1 % — 0,74.

Novocaina a 1 % — 0,59; a 2 % — 0,51; a 1 % + adrenalina a 0,005 % — 0,47.

Eucaina a 1 % + adrenalina a 0,005 % — 0,57.

Sulfato de atropina a 1 % — 0,79.

Cloreto de emetina a 1 % — 0,82; a 3 % — 0,66; a 5 % — 0,45.

Brometo de arecolina a 0,05 % — 0,80.



SOCIEDADE FARMACEUTICA LUSITANA**TRABALHOS PROFISSIONAES**

Sessão de 30 de Julho de 1918.

- Presidente — *sr. Mourato Vermelho.*
1.º Secretario — *sr. Simões Costa.*
2.º Secretario — *sr. Hildebrando Gonçalves.*

Aberta a sessão foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

No expediente encontrava-se: uma carta do sr. Prospero Meyrelles agradecendo os pesames enviados pela Sociedade por falecimento de seu pae.

Uma reclamação de um colega de Moz contra irregularidades ali cometidas no exercicio de farmacia.

Um officio da Comissão Administrativa convidando a Sociedade a nomear delegados na eleição da Comissão do horario do trabalho comercial, ficando resolvido responder, que a Sociedade, não sendo associação de classe, não tem representação na comissão.

O sr. Presidente comunica ter recebido cartas de colegas das provincias pedindo-lhe açucar e a todos fez sciente que a Sociedade não estava encarregada de o obter.

O sr. Jesus deseja saber se o sr. Presidente já conseguiu que a casa Grandela não venda artigos concernentes á farmacia, tendo o sr. Presidente declarado que ainda o não conseguiu, mas tem informação de que a dita casa se absterá em breve de proseguir no commercio destes artigos.

O sr. Moraes refere-se á nova reforma do ensino de farmacia recentemente decretada, censurando o facto de já não ser permitida a matricula nas escolas aos farmaceuticos do periodo transitorio, entendendo que a Sociedade deve intervir com energia.

O sr. Presidente concorda e alvitra, o que foi aprovado, que uma comissão composta pelos srs. Moraes, Frazão e Cisneiros e

Faria, faça uma representação ao Ex.^{mo} Ministro da Instrução a qual será apresentada depois de aprovada pela Sociedade.

Por proposta do Sr. Moraes ficou agregado á comissão o sr. Presidente.

O Sr. Sequeira alude á actual carestia da mostarda e manda para a Meza a seguinte proposta urgentissima que é aprovada:

Proponho que a Sociedade Pharmaceutica represente ao Secretario de Estado competente para que, por qualquer meio, S. Ex.^a procure obviar á inqualificavel especulação que se está fazendo com a mostarda, artigo de produção nacional e de primeira necessidade.

O sr. Rodrigo Frazão pede providencias para a falta de petreleo nas farmacias, assim como o sr. Simões Costa tambem pede providencias contra a falta de açúcar. Ficou resolvido officiar-se á Comissão de Abastecimentos.

Teve a primeira leitura o relatório da Comissão Revisora de Contas.

Sobre um projectado regimento de preços ficou constituida uma comissão composta dos srs. Francisco de Jesus, Marques de Sousa e Manuel Luiz Sequeira para estudar as suas bases.

Foi aprovado socio por unanimidade o sr. Alberto Travassos, de Azambuja.

Foi encerrada a sessão aos 30 minutos.

Sessão de 3 de Dezembro de 1918.

Presidente — sr. *Joaquim Pedro de Moraes*.

1.º Secretario — sr. *Victor Branco*.

2.º Secretario — *Hildebrando Gonçalves*.

Aberta a sessão ás 22 horas o sr. Vice-Presidente, Joaquim Pedro de Moraes assumiu a presidencia pelo facto do sr. Presidente não poder comparecer.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior depois de leves emendas.

O sr. Victor Branco lamenta a publicação dum decreto sobre linhaça e mostarda que ficam sujeitas a tabela, ficando a farmacia assim sujeita á fiscalisação por fiscaes das subsistencias. Lamenta tambem que a Direcção da Sociedade de que é, aliás, membro, pouco tenha feito em prol da classe.

O sr. Moraes sente que o sr. Presidente não esteja presente, contudo afirma que o sr. Presidente durante o interregno de sessões tratou de assumtos importantes, como seja uma representa-

ção ao Director Geral de Saude, quando da epidemia, por motivo das intimações feitas ás farmacias para não aumentarem os preços dos medicamentos, representação que o sr. 2.º Secretario lê pedindo n'ela tambem providencias para a falta de petroleo.

Tambem teve conhecimento dum officio que o sr. Presidente enviou á Direcção dos Abastecimentos pedindo açucar, crendo que não foi atendido por do assunto se ter encarregado a Associação dos Farmaceuticos.

Outros assuntos tratou não estando habilitado a esclarecer, mas aguardará a presença do sr. Presidente para transmitir as considerações do sr. Branco.

O sr. Rodrigues Machado tambem lamenta a publicação de semelhante decreto tendo sido vitima das fiscalisações á sua farmacia por fiscaes das subsistencias!

O sr. Malta agradece o cuidado que a Meza teve quando doente, interessando-se pelas suas melhoras. Sobre o decreto não se insurge contra a sua letra, mas o que acha vexatorio e indigno é a vistoria ás farmacias ser feita por fiscaes das subsistencias, pois entende que essas vistorias deviam ser feitas por peritos competentes como sejam o inspector da policia acompanhado pelo subdelegado de saude e farmaceutico.

O sr. Moraes lamenta o vexame de que foi victima o sr. Machado e põe á sua disposição os serviços da Sociedade.

O sr. Malta alude ao facto do colega Machado verberar a Direcção da Sociedade por não dar providencias aos vexames de que tem sido victimas alguns colegas por parte dos fiscaes de subsistencias; entende que a Sociedade não pode adivinhar estes factos de se não queixarem, nem tão pouco concorrerem ás sessões, as quaes a maioria das vezes, só funcionam com o numero de socios dos estatutos, devendo serem estes os increpados.

O sr. Machado explica que não teve em mira melindrar a Direcção da Sociedade.

Por proposta do sr. Moraes foi eleita uma comissão composta dos sr.s. Branco, Machado e Malta, encarregados de:

1.º Obter que a fiscalisação nas farmacias não seja feita por fiscaes das subsistencias mas sim por peritos idoneos.

2.º Fazer com que seja prestado todo o auxilio de que careçam os nossos consocios.

3.º Conseguir que todos os colegas que compraram linhaça e mostarda por preços superiores aos da tabela official a possam vender com uma certa margem de lucros.

Foi aprovada.

O sr. Jesus lastima que alguns socios da Sociedade dispendam energias na Associação dos Logistas quando tudo indicava que devia ser dentro da Sociedade.

O sr. Cisneiros e Faria alega que a Direcção da Sociedade tem prestado alguns serviços importantes e emquanto á crise por que actualmente atravessa a classe ella foi prevista ha quatro anos, pois ella é devida á falta de união dos colegas; lembra as tentativas que se fizeram para a formação de uma cooperativa e sempre com resultados nulos.

O sr. Coutinho deseja que se trate de conseguir que os farmaceuticos do periodo transitorio tenham entrada nas Escolas de Farmacia e que se abra concurso para os logares vagos no Hospital de Santa Marta, S. José e Manutenção Militar.

O sr. Moraes diz que sobre o primeiro assunto já ha uma commissão encarregada e sobre o segundo tratará de providenciar.

Teve segunda leitura o relatório da Commissão Revisora Contas.

O sr. Cisneiros e Faria pede a aprovação e pede que o Conselho Administrativo dê immediata execução aos alvitres apresentados e principalmente na parte que diz respeito á venda das obrigações do Credito Predial que a Sociedade possui.

O sr. Moraes propõe que este alvitre seja apresentado em proposta para ser discutido em sessão.

O sr. Cisneiros e Faria discorda pois que é urgente a venda das 5 obrigações ou substituição das mesmas por outros fundos da mesma Companhia, mas que não corra o risco de depreciação como acontece com as actuaes, que têm no mercado valor superior ao que a Companhia recobre por sorteio ou mesmo por compra no mercado.

Foram aprovados socios por unanimidade os srs. José Maria da Conceição Fragoso, Lisboa—Adolfo Pinto Romano Baptista, de Benavente e Joaquim Lima Ribeiro, de Ponte do Rol.

Antes de encerrar a sessão o sr. Moraes propoz um voto de sentimento, que foi aprovado, pelo falecimento dos consocios Cirino da Silva, Francisco José da Costa, José Henrique de Paiva, Francisco Carlos da Costa, José Fernando de Carvalho e pessoas da familia do sr. Antonio Bento Coelho de Jesus.

O sr. Moraes profere palavras de saudade para com os extinctos, mas em especial para com o sr. José Henrique de Paiva, ornamento da nossa classe, a quem a Sociedade deve relevantes serviços.

Tambem o sr. Moraes propõe um voto de congratulação pela assignatura do armisticio e victoria dos aliados. Foi aprovado.

Encerrou-se a sessão aos 30 minutos.

Sessão de 10 de Dezembro de 1918.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho*.

1.º Secretario — sr. *Victor Branco*.

2.º Secretario — sr. *Hildebrando Gonçalves*.

Aberta a sessão foi aprovada a acta da sessão anterior e lida a correspondencia.

Foi lido o inventario do laboratorio assinando este documento o sr. José Maria Soares Teixeira, pelo Conselho Administrativo e o concessionario Carlos Coutinho.

Leu-se uma resposta da Companhia do Gaz e Electricidade fixando a verba de 672.700 para instalação do cabo e portinhola no edificio da Sociedade para iluminação electrica do mesmo edificio.

Em vista de a quantia ser exorbitante desiste-se por emquanto da instalação.

O sr. Presidente diz que pela leitura da acta ficou com a impressão que alguns consocios na sessão anterior o acusaram de pouco zeloso por não providenciar sobre o decreto da linhaça e mostarda, a doutrina do decreto do qual só teve conhecimento pelos jornaes, diz o sr. Presidente, é imposta pelas circunstancias e todos nós o devemos suportar, pois visa principalmente a regulamentação dos preços n'este periodo agudo da epidemia e atinge muito mais o alto commercio das drogas do que os pharmaceuticos. Um protesto feito agora por nós não seria bem recebido nem compreendido pelo publico, e, peor ainda, sendo impopular e inoportuno não seria atendido; é esta a sua maneira de vêr, comtudo terá muito prazer em que a assembleia se manifeste, pois tudo quanto ella resolver será por elle acatado, e se as resoluções tomadas forem de encontro ao seu modo de vêr, não terá duvida em afastar-se da presidencia para permitir á Sociedade seguir a orientação que melhor convier.

O sr. Cisneiros e Faria diz que está de acordo com a orientação da presidencia e acha que o decreto é duro, principalmente na parte em que a farmacia fica sujeita á vistoria vexatoria dos fiscaes das subsistencias, admite, porem, excepcionalmente, dada a gravidade do momento, que todos nós nos sujeitemos a alguns pequenos prejuizos, mas estes só serão de importancia para quem possua porventura varias dezenas ou centenas de kilos de linhaça e mostarda. Mas sendo assim, estes deixam para o efeito de ser pharmaceuticos e consideral-os-á como comerciantes de grosso, cujos interesses são já de outra ordem e dos quaes a Sociedade não tem que se ocupar.

Felicita, pois, o sr. presidente pela attitude que tem tomado e

espera que S. Ex.^a apresentará oportunamente um relato dos factos.

O sr. Moraes concorda com a opinião do sr. Presidente e narra o que se passou na sessão anterior a que ele orador presidiu, acrescentando que mesmo na hipotese da assembleia se manifestar contra a forma de vêr do sr. Presidente, nunca seria motivo para este renunciar o seu mandato que a dar-se traria grandes prejuizos para a nossa Sociedade.

O sr. Presidente agradece as palavras amáveis dos oradores antecedentes e afirma que se se visse na necessidade de pedir a sua demissão seria bem substituído pelo sr. Vice-presidente e não deixaria de trabalhar para bem da Sociedade, sentando-se com muito prazer na sua cadeira de socio.

O sr. Branco declara que foi ele que levantou a questão mas não com o fim de censurar o procedimento do sr. Presidente mas só com o fim de que não faltasse linhaça e mostarda nas farmacias.

O sr. Sequeira não concorda com o decreto não devendo o governo tabelar para os retalhistas, mas sim para os fornecedores da origem.

O sr. Simões Costa declara concordar com a opinião do sr. Presidente e pergunta o que ha sobre a fusão da Sociedade com a Associação.

O sr. Presidente declara que o caso ainda não está resolvido em consequencia de embaraços diversos ocasionados pela epidemia e os tumultos populares.

Foi aprovado socio por unanimidade o sr. Alberto Mourato Vermelho, do Seixal.

Foram aprovados votos de sentimento por morte da mãe, irmã e cunhada do socio sr. José Augusto Ferreira, mãe, esposa e dois irmãos do socio sr. Alfredo José dos Reis e cunhada do socio sr. João Mendes Carreira.

Foi encerrada a sessão ás 24 horas.

Acta da sessão solene:

Octagesimo terceiro aniversario da Sociedade Farmaceutica Lusitana, realiado em 13 de março de 1919.

Presidencia do sr. Mourato Vermelho; secretarios srs. Victor Branco e Hildebrando Gonçalves.

Pelas vinte e uma horas e meia o sr. Presidente declarou

aberta a sessão e convidou o sr. 2.º secretario a proceder á leitura do seguinte:

Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Farmaceutica Lusitana durante o 83.º ano da sua instituição.

Foram admitidos

Para a classe de benemeritos:

José Maria Soares Teixeira.

Para a classe de efectivos:

Adolfo Teixeira.

Antonio Domingos de Oliveira.

Ayres da Silva.

Carlos Abranches Almeida Dias.

Carlos Marques de Sousa.

Casimiro Soares.

Floriano Eugenio Falcão Correia.

Henrique da Silva Campos.

José dos Santos Simões Borba.

Sebastião Avelino Ramos.

Para a classe de correspondentes nacionaes:

Albano Duarte — S. Pedro da Cadeia.

Alberto d'Assumpção Travassos Noronha — Azambuja.

Alfredo de Lemos — Rio de Janeiro.

Americo Augusto Mendes — S. Thomé.

Cesar Guilherme da Mata Veiga — Vila Alva.

Jayme Romano Baptista — Alcacer do Sal.

Joaquim Bento Pereira — Cuba.

José Fernandes de Carvalho — Alcacer do Sal.

José Joaquim Neves d'Azevedo — Anadia.

José de Oliveira Pinto — Porto.

José Simões da Silva Guia — Vallada.

D. Mariana Figueira Duarte Pinto — Reguengo Grande.

Para a classe de correspondentes estrangeiros:

Dr. Cirino Lo Casto — Roma.

Despediram-se*Efectivos:*

Antonio Duarte Quintão Pinto.
Carlos Prospero Barella.

Correspondentes Nacionais:

Alfredo Antonio de Andrade—Porto.
Antonio Joaquim Cardoso—Paredes do Bairro.
Antonio da Silva Amorim—Alcoentre.
Francisco Fernandes—Setubal.
João Alves da Silva—Porto.
José Antunes de Sousa—Souselas.
José Pedro Dias—Ourique.

Faleceram*Efectivos:*

Antonio Maria Martins de Jesus.
Domingos Francisco da Silva Nogueira.

Correspondentes nacionais:

João Rodrigues de Noronha J.^{or}—Azambuja.

Resumo

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Ficaram existindo:

Presidência honorario.....	1
Benemeritos.....	11
Honorarios nacionais.....	12
Honorarios estrangeiros.....	23
Efectivos.....	216
Correspondentes nacionais.....	216
» estrangeiros....	26

Extracto das contas de Receita e Despesa do ano economico de 1917-1918

Receita:

Saldo da conta do ano anterior.....	196791,5	
Receita cobrada durante o ano.....	925723	
		1.122714,5

Despesa:

Despesa ordinaria e extraordinaria.....	756709,5	
Amortisação de obrigações.....	134750	
Coupons pagos.....	40700	
		930759,5

Saldo em 30 de junho de 1918..... 191755

Fundos da Sociedade em 30 de junho de 1918:

Obrigações prediaes nominativas de 6 0/0..... 450700

O sr. 1.º-Secretario leu em seguida o seguinte:

PREMIO José Dionisio Corrêa

Fundado no quinquagesimo ano da instituição da Sociedade

Centro de Documentação Farmacêutica

PROGRAMA DE CONCURSO

A Sociedade Farmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus Estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programa para o concurso que ha de ser julgado no proximo ano.

Memoria sobre qualquer questão de farmacia ou sobre assunto de interesse profissional

CONDIÇÕES:

Os premios constituirão na adjudicação de diploma de **Membro Benemerito** acompanhado de um **bonus** de cinquenta escudos ao premiado em primeiro lugar.

No diploma **Membro Honorario** aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terãõ direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente a questãõ escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serãõ escritas em portuguez, se os seus autores forem naturaes deste paiz, e em francês, se forem estrangeiros, e virãõ dirigidas ao primeiro Secretario da Sociedade, por todo o mez de Abril do ano em que tiverem de ser julgadas.

Deverãõ trazer o nome do autor em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigrafe da memoria e que será aberta na sessãõ solene, se a memoria fôr premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu autor, pedindo-a com a mesma epigrafe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessãõ solene anniversaria, deverãõ ser para este fim aprovadas pela Sociedade, e alem disso serãõ impressas e publicadas na coleccãõ que tera por titulo: **Memorias da Sociedade Farmaceutica Lusitana**, recebendo os seus autores vinte exemplares da referida impressãõ.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serãõ uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim testemunho autentico de que seus autores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade n'este programa.

Relaçãõ dos individuos e corporações que brindaram a Sociedade Farmaceutica Lusitana durante o seu 84.º ano

Dr. Antonio Filipe de Moraes Palhã—Macau.
Academia de Sciencias de Lisboa.
Direccãõ Geral da Estatistica do Ministerio das Finanças.
Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

Redações dos seguintes jornaes

Anaes do Club Militar Naval, Lisboa.
A Medicina Contemporanea, Lisboa.
Boletim da Sociedade de Geografia, Lisboa.
Boletim da Academia das Sciencias, Lisboa.
Boletim da Associaçãõ Central da Agricultura Portugueza, Lisboa.
Boletim dos Hospitaes Civis, Lisboa.

- Boletim da Associação dos Medicos Portuguezes*, Lisboa.
Revista de Medicina Veterinaria, Lisboa.
Revista de Terapeutica, Lisboa.
Boletim Oficial da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, Lisboa.
Boletim do Trabalho Industrial, Lisboa.
Boletim de Previdencia Social, Lisboa.
O Medico Homœopata da Familia, Lisboa.
Revista de Quimica Pura e Aplicada, Porto.
Anaes Scientificos da Academia Politecnica, Porto.
O Alvorecer, Porto.
O Instituto, Coimbra.
Boletim Geral de Medicina e Farmacia, Nova Gôa.
Boletim da Camara Portuguesa do Comercio, Industria e Arte, S. Paulo, Brasil.
El Monitor de la Farmacia e de la Terapeutica, Madrid.
Revista Medico-Sanitaria, Barcelona.
«Blos» Revista mensal de Sciencias Medicas, Barcelona.
La Farmacia, Mexico.
Union Farmaceutica de El Salvador, San Salvador.

O Sr. Presidente passou a lêr o seu

RELATORIO

Meus Senhores :

Raros terão sido, tenho disso a convicção, durante a já longa existencia da nossa querida Sociedade, os exercicios anuaes em que tantas e tão repetidas e variadas causas de perturbação e instabilidade a tenham embaraçado e quasi que materialmente impedido de exercer a sua acção e preencher os seus fins estatutarios.

No começo do que ora se relata foi a ultima e mais aguda fase do longo periodo da formidavel guerra, tão fertil em consequencias materiaes e moraes de tal magnitude e extensão, que só muito deficientemente poderemos avalia-las; depois, as quasi ininterruptas agitações internas com todo o seu cortejo de estados de sitio, de grêves, de communicações interrompidas, de direito de reunião suspenso, e ha pouco ainda, na agonia (?) do cataclismo sem equal, uma epidemia avassaladora e espantosamente mortifera vem, como cruel requinte do Destino, coroar a obra de devastação e de dôr.

Estabelece a lei desta casa o dia 24 de Julho para a celebração da Sessão Solene anual, por ser aquele em que, oitenta e tres anos ha, um grupo de Farmaceuticos de Lisboa, sob a direcção intelligente e entusiastica de José Dionisio Corrêa, lançou os alicerces da nossa veneranda colectividade; mas as rasões

que expuz, que são do dominio de todos, constituiram até agora insuperavel obstaculo á sua realisação.

Embora com forçado atraso e forçadas deficiencias, grato seria ao meu espirito, e até ao meu amor proprio, poder dizer-vos o que houvesse de comunicar-vos com o talento e o brilho de varios de meus illustres predecessores que desta cadeira tanto honraram esta casa.

Infelizmente careço de faculdades que mo permitam e da benevolencia que sempre me tendes dispensado, espero, confiante, a necessaria desculpa.

Senhores.—Ha quasi cinco anos que as atenções do Universo outro assunto não consideram senão a questáo vitalissima e suprema da geral conflagração e dos phenomenos sociaes consequentes.

Que gigantescas e ciclopicas reacções se hão passado no cadinho formidavel em que são reagentes Povos e Raças, Interesses e Ideaes?

E quando a anciada hora, anhelada entre todos, do equilibrio alfin vier, quaes serão suas espantosas e inauditas resultantes? Velhas teorias, velhos principios, velhas convenções, metodos caducos ruião, talvez, com estrondo; arrastando na catastrophe interesses, classes e cadáveres de humanos.

Um cáos se seguirá talvez. Mas uma aurora nova e resplandecente que as Leis Imutaveis determinam succeda inalteravelmente á treva, surgirá então. Efemerostes espectadores de fataes phenomenos, não nos será dado talvez, nos curtos lustros que á presente geração resta viver, presenciarmos as derradeiras fases.

Melhorará a alma humana? Na sua ancía eterna de perfeição terá, n'esta senda luminosa e divina, percorrido uma grande extensão? Convencida de tantos erros nefastos, monstruosos e estereis, herança ancestral da Velha Ignorancia das Edades caminhará agora pela Sinceridade para a conquista da Verdade?

Ou antes a mentira audaz (deleteria arma tão horrivel como pronta, facil de emprego, de efficacia certa) seguirá sendo implacavelmente usada em cada hora pelo Homem contra o Homem, por um Povo contra outro Povo, como um dos meios de escolha para a consecução do Predominio, razão suprema da luta?

Qual lucido profeta poderia predize-lo com exactidão? Só será, ai de nós, talvez seguro afirmar que o coeficiente de felicidade individual não subirá tão cedo. Mas nem os homens lutam, como afirmou o filosofo, para a conquista da felicidade (embora, em geral, o creiam) mas sim para a da força.

Meus Senhores.—Desçamos das meditações a que nos conduz inevitavelmente a grandiosidade do momento historico que passa, e procuremos entrar mais propriamente em assuntos que directamente e de perto nos tocam.

No periodo de intensas transformações sociaes que decorre, em que sentido se modificará a pratica da profissão pharmaceutica?

Quasi exclusivo arsenal de medicina em tempos idos, no presente ainda a debitadora mais importante de materiaes therapeuticos, mas de forma alguma a unica, a Farmacia, tal como a compreendemos hoje, tende a meu ver, para radical metamorfose.

Intenso «foco de irradiação scientifica» durante os tres ultimos quartos do

decimo oitavo seculo, ela foi a mãe querida dos Wenzel, dos Schele, dos Proust, dos Rouelle, que, com Lavoisier, o imortal discipulo deste ultimo, com Priestley, Dalton, Guyton de Morveau e Cavendish, foram os astros mais fulgurantes da imorredoura pleiade dos fundadores da moderna quimica.

Mas se ninguém, em boa justiça, poderá despojar a Farmacia da parcela consideravel da gloria que incontestavelmente lhe cabe como berço das Sciencias Quimicas positivas e seio dos seus progressos iniciaes, certo parece que, sob este aspecto, a sua missão findou. A vastidão sem fim do campo scientifico, a multiplicidade e a complexidade crescente de varios ramos de saber tornaram de ha muito imprescindivel, e cada vez mais, a especialização intensa, e de ha muito que os nossos laboratorios são demasiado pequenos e muito pobremente organizados para albergar as legiões modernas de investigadores e cientistas metodicamente orientados nos mais variados sentidos.

Afastados estão já os tempos aureos em que a Farmacia maternalmente alimentou a sciencia quimica incipiente.

Robusta e forte e imortal e imensa é já a creatura, e do seu seio uberrimo e infinito necessita hoje, pelo contrario, viver a nossa velha arte. E os seus progressos — serão os nossos e o nosso brilho, agora, é sómente o reflexo do seu brilho.

A quimica reina hegemonicamente sobre toda a industria, e a farmacia, inteiramente subsidiaria da industria quimica, é, quando muito, encarregada da morfologia medicamentosa.

Sob a impulsão de forças economicas incoerciveis, a mesma forma final, o proprio doseamento do medicamento terão que ser obtidos por meios mecanicos, e, assim, a officina individual do tipo antigo, tão simpatica e digna como a de Wenzel ou a de Souberain, nas quaes o pratico, tendo do Dever profissional a mais alta noção se considerava na obrigação fundamental de jamais consentir em apôr o seu nome em produto ou assumir a responsabilidade de droga que o seu laboratorio não houvesse preparado ou exactamente verificado — essa officina típica desaparece rapidamente, ou talvez já definitivamente entrou no rol das saudosas boas coisas extintas.

A industria avassaladora e poderosa, de organização tão forte e imponente que vence sem lutar, lança nos mercados a baixo preço torrentes de produtos farmaceuticos, e se excetuamos condenaveis abusos e charlatanescas explorações, que severos regulamentos deveriam reprimir, e se visamos, como de justiça sómente o interesse e o bem geral, forçoso será reconhecer a utilidade e a oportunidade de tal transformação.

Reconhecidas que não fossem por nós, os factos lá estariam falando alto e duro, e eu penso que nos cabe então, ao invéz da opinião de varios, adaptarmo-nos ás novas circunstancias antes que reagir esterilmente contra elas.

A uma epoca nova correspondem novos usos e novas necessidades.

A industria toma, pouco a pouco, definitivamente conta da Farmacia; o farmaceutico mesmo, quasi extinta a rasão de ser da sua existencia, tornar-se-á raro, como individuos das especies vitimadas pela concorrência vital, ou caducará como os órgãos aos quaes não corresponde função.

Subsistirá por muito tempo o nome, porque os nomes sobrevivem aos objectos que representam; varias pessoas continuarão sendo contudo portadoras dele em razão da força dos habitos e da inercia das coisas.

A designação terá deixado de corresponder porém a uma realidade presente, ou antes o vocabulo terá mudado radicalmente de acepção. Será um bem? Será um mal? Não será um bem nem um mal, *será um facto necessario e inevitavel!* Mera fase da evolução duma classe. Que importa porém? A Morte, a Aniquilação são expressões sem sentido absoluto.

O que cumpre ao Homem e ao Cidadão dignos destes nomes é empregar os seus talentos e o seu esforço ao serviço da Civilização e da Patria.

As Classes extinguem-se ou transformam-se, os Individuos tem existencia efemera, só o Ideal de Perfectibilidade perdura e perdurará enquanto existir Humanidade...

Disse:

Em seguida o sr. Presidente declarou encerrada a sessão.

Sessão de 25 de Março de 1919.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho.*

1.º Secretário — sr. *Victor Branco.*

2.º Secretário — sr. *Hildebrando Gonçalves.*

Entre o expediente foi lida uma consulta sobre combinações de iodo com a peptona e soluto de Dakin, apresentada pelo consocio sr. Victor do Monte, estabelecido em Vila Viçosa e uma carta da Companhia onde está segura a séde social, em resposta á visita reclamada pela Direcção afim de cumprir uma clausula do contracto feito com o sr. Carlos Coutinho e uma carta do sr. Francisco de Jesus pedindo a demissão de Tesoureiro e de socio.

Por proposta do sr. Joaquim Pedro de Moraes foi resolvido que os colegas Carlos Coutinho e Marques de Sousa respondessem ao colega Victor do Monte sobre a consulta feita referente ao soluto de Dakin. Estes nossos colegas tem obsequiosamente titulado a cal clorada para a sua preparação que é fornecida a todos os farmaceuticos que a requisitarem.

O sr. Presidente lastima a resolução do sr. Francisco de Jesus, cujo zelo e serviços prestados á Sociedade louva e a Assembleia encarrega a Meza de solicitar do sr. Jesus a desistencia do seu pedido de demissão de socio.

O sr. Presidente informa a Assembleia de que não foi possível liquidar com a Companhia de Credito Predial o titulo de cinco

obrigações que a nossa Sociedade possui e que foram sorteadas porque o Conselho Administrativo e o sr. Tesoureiro em exercicio não tinham autorisação legal da Assembleia. Pede por isso á Assembleia que resolva o que entender.

O sr. Cisneiros lastima que o sr. Tesoureiro, que em tempo competente estava em exercicio, não tivesse procedido á liquidação, resultando deste facto perda de juros do tempo decorrido desde o sorteio até á data da liquidação e bem assim a diferença entre a cotação na Bolsa e o seu valor nominal, perda que atinge algumas dezenas de escudos e termina mandando para a Meza a seguinte proposta urgente que foi aprovada por unanimidade:

«Proponho que a Meza da Sociedade fique autorizada a liquidar com a Companhia de Credito Predial Portuguez a importancia das cinco obrigações que foram sorteadas ha tempos e mais proponho que o produto dessa liquidação seja immediatamente aplicado na compra de fundos; para o que se fará um estudo especial sobre os seus valores a comprar. Lisboa 25 de março de 1919».

Da execução da 1.^a parte da proposta foi encarregado o sr. Tesoureiro e da 2.^a parte o Conselho Administrativo.

Foram lançados na acta votos de sentimento pelo falecimento dos consocios José Campos e Mario Judice de Oliveira e do filhio do sr. Presidente honorario Francisco de Carvalho.

Foi admitido socio o sr. Joaquim Amancio Salgueiro J.^{or} e readmitido o sr. Manuel de Almeida Victoria, ambos de Lisboa.

Em seguida procedeu-se á eleição dos funcionarios.

Foram eleitos:

Presidente — *Manuel Adriano Mourato Vermelho.*

Vice-Presidente — *Joaquim Pedro de Moraes.*

1.^o Secretario — *Hildebrando Goncalves.*

2.^o Secretario — *Miguel Eadon Lizasso.*

1.^o Vice-Secretario — *Ernesto dos Santos.*

2.^o » » — *Carlos Marques de Sousa.*

Tesoureiro — *João Simões Costa.*

Vice-Tesoureiro — *Augusto José Carlos de Oliveira.*

Bibliotecario — *José Maria Soares Teixeira.*

Vice-Bibliotecario — *Gaspar Maria do Nascimento.*

Comissão de Quimica

Bernardo Augusto da Costa Simões.

Luiz Gonzaga e Souza.

Carlos Marques de Sousa.

José Bento d'Almeida.

Comissão de Farmacia

Manuel Luiz Sequeira.
Simões Costa.
Moreira Pratas.
Oliveira Malta.

Comissão de Redacção

Cisneiros e Faria.
Dionisio Garras
J. M. Pinto Fonseca
Carlos Coutinho

Foi encerrada a sessão aos 30 minutos.

Sessão de 5 de Abril de 1919.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho.*
 1.º Secretario — sr. *Hildebrando Gonçalves.*
 2.º Secretario — sr. *Fadon Lizasso.*

Aberta a sessão ás 22 horas foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

O sr. Presidente agradece a sua reeleição. Crê que a fusão com a Associação se realizará, pois acredita na sinceridade das intenções dos dirigentes desta.

Agradece também aos srs. Victor Branco e Hildebrando Gonçalves a boa vontade com que colaboraram nos modestos trabalhos da direcção transacta.

Agradecem a sua eleição os srs. Gonçalves, Soares Teixeira e Fadon.

O sr. Presidente agradece ao sr. Jesus a sua presença, desejando que continue a dar provas de zelo e dedicação que sempre tem dado pela Sociedade Farmaceutica. Felicita o sr. Cisneiros pela sua nomeação para a Comissão de Redacção a quem pede para que o Jornal seja posto em dia por ser um traço moral de união entre os associados, principalmente os da provincia. Pede que se evitem alguns lamentaveis erros tipograficos com que o Jornal tem saído ultimamente.

O sr. Cisneiros cumprimenta a Meza, congratula-se pela presença do sr. Jesus e agradece as referencias amaveis á Comissão

de Redacção, prometendo fazer todo o possível para que o Jornal se publique em devido tempo e sem gralhas.

O sr. Jesus agradece e comunica ter um estudo para trazer á Sociedade, sobre as algas nas nossas costas.

O sr. Gonçalves propõe um voto de sentimento pela morte do prof. Moraes Sarmiento de quem faz um comovido elogio.

O sr. Cisneiros associa-se a este voto traçando a biografia do falecido.

O sr. Presidente, em nome da Direcção da Sociedade, associa-se ao voto de sentimento.

Foram eleitos socios por unanimidade os srs. Bernardo Manuel Peres Costa, Atilio Pereira Bairrão Ruivo, João Martins do Rego e José Maria Martins, todos de Lisboa.

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão ás 23 ³/₄.

Sessão de 11 de Junho de 1919.

Presidente:—sr. *Mourato Vermelho.*

1.º Secretario—sr. *Ernesto dos Santos*

2.º Secretario—sr. *Fadon Lizasso.*

Aberta a sessão procedeu-se á leitura da acta da sessão anterior sendo aprovada.

O sr. Simões Costa participa ter comprado oito obrigações do Fundo Externo—1.ª serie.

O sr. Presidente participa o falecimento do socio Emilio Estacio de quem traça o elogio e em cujo funeral representará a Sociedade.

Foi aprovado um voto de sentimento pela morte da mãe do sr. Manuel Valente Serrano.

Foi dada a palavra ao sr. Jesus para realisar a sua comunicação sobre o iodo. S. Ex.ª leu á Assembleia um interessante trabalho realisado em alguns anos de estudo, demonstrando grandes conhecimentos sobre o assunto. Foi muito aplaudido e felicitado.

O sr. Moraes participa estar para breve a publicação do Jornal.

O sr. Simões Costa faz a sua interpelação sobre a fusão da Associação com a Sociedade e pede ao sr. Presidente que o informe dos trabalhos realisados.

O sr. Presidente diz que o sr. Emilio Fragoso está encarre-

gado de organizar o projecto dos estatutos, prometendo para breve a sua apresentação.

O sr. Jesus protesta contra o commercio por estar prejudicando a farmacia na venda de algodões, gazes e alguns medicamentos especializados.

O sr. Presidente informa ter procurado um representante da casa Grandela que lhe prometeu limitar-se a vender os stocks.

O sr. Moraes protesta tambem e discorda do procedimento do sr. Presidente consentindo na venda dos stocks; protesta tambem contra diversos laboratorios que ilegalmente exercem a farmacia.

O sr. Presidente diz que se a Assembleia entende que se deve proceder judicialmente contra a casa Grandela ou outras, nada mais tem a fazer do que manifestar-se, pois está pronto a seguir as indicações da Assembleia.

O sr. Moraes propõe que se officie directamente ao sr. Grandela convidando-o a retirar esses produtos e lembra que se procure o sr. Malta para lhe pedir algumas informações por ser este socio um especialista em leis farmaceuticas.

Procedeu-se em seguida á leitura da resposta enviada ao socio Parente, da Covilhã, sobre uma consulta feita por este socio.

Foi encerrada a sessão ás 24 horas.

Sessão de 24 de Junho de 1919.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho*.

1.º Secretario — sr. *Hildebrando Goncalves*.

2.º Secretario — sr. *Victor Branco*.

Não foi lida a acta da sessão anterior por não se encontrar sobre a Meza.

O sr. Presidente mais uma vez lamenta a pouca concorrência de colegas ás sessões o que o desanima extraordinariamente. Fala sobre a demora na saída do Jornal e diz que em todas as sessões persistirá n'este assunto, pois que sempre lhe dão explicações que o não satisfazem.

O sr. Marques de Sousa, como membro da Comissão de Redacção, informa que o Jornal já está na tipografia.

O sr. Teixeira comunica que faltando varios numeros dos anaes scientificos da Academia Politecnica, escreveu á Redacção para lh'os enviarem, o que esta fez prontamente, ficando assim a obra completa e pede que se officie agradecendo.

Os srs. Victor Branco e Sequeira pedem esclarecimentos sobre o decreto do selo.

O sr. Sequeira protesta energicamente contra o procedimento dos nossos colegas fiscaes do selo, pois segundo o sr. Ministro das Finanças, é aos srs. Pires de Campos e professores da Escola que devemos essa fineza. Mais diz o sr. Sequeira, que se não deve acatar o decreto e lembra a conveniencia de se convidarem todos os colegas para uma reunião magna.

O sr. Presidente relata minuciosamente os passos dados em relação ao decreto e aprova a ideia de uma reunião da classe para a qual vae mandar convites por intermedio dos jornaes e convites individuaes, pois que varias são as queixas dos colegas que não recebem estes, o que só pode attribuir ao mau serviço dos correios.

Foi eleita por unanimidade a Comissão Revisora de Contas composta por Carlos Marques de Sousa, Manuel Luiz Sequeira e Victor Branco.

Foram eleitos socios, por unanimidade, os srs. Joaquim da Luz Preto, José Nunes da Costa Nogueira, Joaquim Antonio Gambini de Sousa e José de Sousa e Silva Meirelles.

Foi encerrada a sessão ás 23 horas e meia.

Sessão de 29 de Julho de 1919.

Na ausencia do sr. Presidente e do 1.^o Secretario, o sr. Faldon Lizasso, como 2.^o Secretario, convida o sr. Francisco de Carvalho a presidir a esta sessão.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

O sr. Sequeira declara que a Comissão Revisora de Contas não está legalmente constituída sendo resolvido substituir o sr. Victor Branco pelo sr. Carlos Coutinho.

Entre a correspondencia encontra-se um projecto de ensino farmaceutico do sr. Antero Mendes Namora, de Ancião e um officio do sr. Machado, pedindo a demissão de socio.

Em resposta ao sr. Namora resolveu-se, no caso de este senhor ser socio, informa-lo do ultimo projecto de reforma.

Em resposta ao sr. Machado o sr. Presidente mandou ler a copia do officio que o sr. Mourato Vermelho lhe enviou, concordando a Assembleia com essa resposta.

O sr. Cisneiros cumprimenta o sr. Francisco de Carvalho e o sr. Manuel Joaquim d'Oliveira pelo seu regresso de França.

O sr. Oliveira não concorda com a lei do selo, de que só teve conhecimento quando do seu regresso, por a achar vexatoria.

Foram eleitos socios por unanimidade os srs. Lino José Duarte e Artur Lino Cardoso

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão.

Sessão de 12 de Agosto de 1919.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho*.

1.º Secretario — sr. *Francisco de Jesus*.

2.º Secretario — sr. *Fadon Lizasso*.

Antes da ordem da noite o sr. Presidente informa a Assembleia do andamento da questão do selo, historiando os trabalhos realizados e lendo a representação enviada ao sr. Ministro das Finanças.

Comunica ter sido apresentado ao Parlamento um projecto de lei assinado pelos deputados srs. Maldonado de Freitas e Francisco José Pereira, projecto que satisfaz os desejos da classe.

O sr. Sequeira diz satisfaz-lo a resolução com respeito ás especialidades nacionaes, mas no que se refere ás estrangeiras julga estar tudo na mesma e manda para a Mesa a seguinte moção que é aprovada.

Moção:

«A Sociedade, tomando conhecimento do estado das negociações relativas á modificação do decreto n.º 5580, levadas a efeito por uma comissão da classe presidida pelo presidente da Sociedade, constata que são relativamente satisfatorios os resultados obtidos e emite o voto de que seria desejavel que a selagem adicional sobre as especialidades estrangeiras fosse efetuada nas alfandegas, incidindo sobre o preço do custo e não sobre o da venda por considerar este ultimo materialmente impossivel de fixar com uniformidade para todo o territorio da Republica e passa á ordem do dia.

Lisboa, sala das sessões da Sociedade Farmaceutica Lusitana
12 de agosto de 1919.»

(a) *Manuel Luiz Sequeira*.

O sr. Bernardo Costa Simões apresenta uma queixa de um colega de Arrayolos acerca duma farmacia illegal e pede providencias.

O sr. Presidente promete providenciar.

Tem a primeira leitura o parecer da Comissão Revisora de Contas.

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão.

Sessão de 28 de Outubro de 1919.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho*.

1.º Secretario — sr. *Hildebrando Gonçalves*.

2.º Secretario — sr. *Fadon Lizasso*.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Entre a correspondência encontra-se uma exposição do colega Gregorio Rosa, de Alemquer, que pede a solidariedade da classe nas dificeis circumstancias em que se encontra e que tem sido victima duma campanha que o atinge na sua dignidade profissional.

O mesmo colega pede para ser considerado socio e faz uma consulta á Sociedade, consulta que foi enviada á Comissão de Farmacia.

O sr. Francisco de Jesus faz considerações sobre a venda de especialidades por um grande armazem de Lisboa.

O sr. Presidente dá explicações e convida o sr. Jesus a mandar para a Mesa uma proposta concreta sobre o assunto.

O sr. Ribeiro Lopes trata largamente da grave questão do exercicio illegal da farmacia que por todo o paiz se está fazendo, citando um caso especial na aldeia do Bispo, onde um medico, subdelegado de saúde, exerce illegalmente a profissão de farmacia.

A seguir pede explicações sobre a lei que regula as farmacias mutualistas e protesta contra a lei das 8 horas de trabalho, entendendo dever dar-se as 8 horas ao pessoal mas permitir-se ao farmaceutico o exercicio livre da sua profissão.

O sr. Presidente felicita o orador e diz que o assunto das suas considerações tem sido largamente debatido e que o regulamento das horas do trabalho sahio contrario ás aspirações da classe.

O sr. Coutinho informa que o Jornal deve sair brevemente.

O sr. Jesus manda para a Mesa a seguinte proposta:

«Proponho que se nomeie uma comissão para tratar dos ca-

sos abusivos e hoje muito generalizados, da venda de algodão, pensos, bromo-quinino e outros medicamentos em qualquer estabelecimento que não seja farmacia.»

A proposta foi admitida.

O sr. Manuel Oliveira julga essa proposta ineficaz, pois o objectivo só se atingirá por uma reforma no exercicio da farmacia.

O sr. Ribeiro Lopes diz que se devia nomear uma comissão permanente para tratar destes casos.

O sr. Presidente alvitra que a discussão da proposta do sr. Jesus fique adiada para depois da fusão, sendo aprovado.

Lido o parecer da Comissão Revisora de Contas foi aprovado.

Para socio correspondente foi eleito o sr. Augusto Ferreira (Egrejinha, Arrayolos).

Foi encerrada a sessão.

Acta da sessão solene anniversaria do octagesimo quarto ano da Sociedade Farmaceutica Lusitana, realisada em 10 de novembro de 1919.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho*.

1.º Secretario — sr. *Hildebrando Gonçalves*.

2.º Secretario — sr. *Miguel Fadon Lizasso*.

Pelas 21 e meia horas o sr. Presidente abriu a sessão e convidou o 2.º Secretario a proceder á leitura do seguinte:

Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Farmaceutica Lusitana durante o 84.º ano da sua instituição.

da Ordem dos Farmacêuticos

Foram admitidos

Efectivos:

Atilio Pereira Bairrão Ruivo.

Bernardo Manuel Peres Costa.

Carlos Augusto Leite Nogueira.

Joaquim Amancio Salgueiro J.ºr.

Joaquim da Luz Preto.

José Antonio Gambini de Sousa.

José Maria da Conceição Fragoso.

José Maria Martins.

José Martins do Rego.
 José Nunes da Costa Nogueira.
 Manuel d'Almeida Victoria.

Correspondentes:

Adolfo Pinto Bastos Romano Baptista (Benavente).
 Alberto Mourato Vermelho (Seixal).
 Jacinto de Sousa e Silva Meyrelles (Cintra).
 Joaquim Lima Ribeiro (Torres Vedras).

Efectivos:

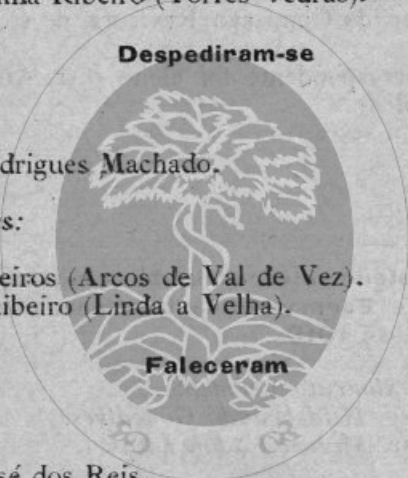
Manuel Rodrigues Machado.

Correspondentes:

Artur Barreiros (Arcos de Val de Vez).
 Eduardo Ribeiro (Linda a Velha).

Efectivos:

Alfredo José dos Reis.
 Ciciano da Silva.
 Francisco Carlos Costa.
 Francisco José da Costa.
 José Henrique de Paiva.



Centros de Representação Farmacêutica
 da Ordem dos Farmacêuticos

Ficaram existindo:

Presidente honorario.....	1
Benemeritos.....	11
Honorarios nacionaes.....	12
Honorarios estrangeiros.....	23
Efectivos.....	221
Correspondentes nacionaes.....	218
» estrangeiros...	26

Extracto das contas de Receita e Despeza do ano economico de 1918-1919

Receita:

Saldo da conta do ano anterior.....	191\$55	
Receita cobrada durante o ano.....	1.689\$88	
Recebido da Companhia do Credito Pre- dial pela entrega de 5 obrigações	<u>450\$00</u>	
		2.331\$43

Despeza:

Despeza ordinaria e extraordinaria.....	1.225\$71	
Amortisação de obrigações.....	150\$00	
Coupons pagos.....	<u>85\$50</u>	
		1.461\$21
Saldo para o ano seguinte:		
Em obrigações da Divida Externa 1. ^a serie	696\$00	
Em dinheiro.....	<u>174\$22</u>	
		870\$22

O sr. 1.^o-Secretario leu em seguida o seguinte:

PREMIO José Dionisio Corrêa

Fundado no quinquagesimo ano da instituição da Sociedade

**Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos**

PROGRAMA DE CONCURSO

A Sociedade Farmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.^o do art. 27.^o dos seus Estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programa para o concurso que ha de ser julgado no proximo ano.

Memoria sobre qualquer questão de farmacia ou sobre assunto de interesse profissional

CONDIÇÕES:

Os premios consistirão na adjudicação de diploma de Mem-

bro Benemerito acompanhado de um bonus de cincoenta escudos ao premiado em primeiro lugar.

No diploma de **Membro Honorario** aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terao direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente a questao escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serao escritas em portugues, se os seus autores forem naturals deste pais, e em francês, se forem estrangeiros, e virao dirigidas ao primeiro Secretario da Sociedade, por todo o mez de Abril do ano em que tiverem de ser julgadas.

Deverao trazer o nome do autor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigrafe da memoria e que será aberta na sessão solene, se a memoria fór premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu autor, pedindo-a com a mesma epigrafe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solene anniversaria, deverao ser para este fim aprovadas pela Sociedade, e além disso serao impressas e publicadas na collecção que terá por titulo: **Memorias da Sociedade Farmaceutica Lusitana**, recebendo os seus autores vinte exemplares da referida impressao.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes nem sempre serao uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim testemunho autentico de que seus autores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade n'este programa.

Relação dos individuos e corporações que brindaram a Sociedade Farmaceutica Lusitana durante o seu 84.º ano

Direcção Geral da Estatistica no Ministerio das Finanças.
Secretaria de Estado da Agricultura.
Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

Redacções dos seguintes jornaes

Anaes do Club Militar Naval, Lisboa
Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa,
Lisboa.
Boletim de Previdencia Social, Lisboa,
O Instituto, Coimbra.
Boletim da Associação dos Medicos Portuguezes, Lisboa.
Boletim Farmacologico, Lisboa.

A Medicina Contemporanea, Lisboa.
Anuario de Lourenço Marques.
Boletim da Camara Portuguesa do Comercio, Brazil.
El Monitor de la Farmacia, Madrid.
Boletim del Consejo Superior de Salubridad.
Journal de Pharmacie et Chimie, Paris.
Esculapio, Madrid.

Finalmente o Sr. Presidente passou a lêr o seu

Relatorio do ano

Meus Senhores:

Motivos imperiosos impediram, ainda este ano, bem contra o desejo da Mesa, a realização da nossa sessão aniversaria no dia marcado pelos estatutos.

As perturbações de toda a especie, directa e indirectamente causadas em toda a engrenagem nacional pelos acontecimentos, tanto externos como internos, têm sido o motivo fundamental destes e outros atrasos que sinceramente lamentamos, mas que não temos meio por emquanto de remediar.

Da vossa nunca desmentida benevolencia esperamos, ainda desta vez, a necessaria desculpa.

Tambem pelas apontadas razões, não foi o periodo a que respeita o presente relatorio fertil em trabalhos profissionais de interesse geral, nem a instabilidade dos governantes nas cadeiras do poder bem como o estado de inquietação e incertesa do espirito publico n'este extraordinario momento historico foram de molde a permitir-nos trabalhar eficazmente no sentido de conseguirmos algumas justissimas reinvidicações pelas quaes a Sociedade Farmaceutica desde longa data vem pugnando.

Quero referirme a uma regulamentação modernizada do exercicio de farmacia e á publicação de uma nova edição da *Farmacopéa Portuguesa*.

Estas questões, bem como a revisão do Regulamento de Preços, impõe-se pela sua inadiavel urgencia e estou certo de que merecerão a atenção da nova Direcção que amanhã vos dignareis eleger.

Dentre as questões que foram presentes ás sessões realizadas em numero assás limitado desde a ultima sessão aniversaria, devo destacar, pela sua relativa maior frequencia e pela sua im-

portancia, as queixas dos nossos confrades de Lisboa e provincias acerca do exercicio ilegal da farmacia.

A todos foi dada a devida e oportuna satisfacção oficiando-se repetidas vezes ás autoridades, estimulando o seu zelo na repressão dos abusos, apontando-se-lhes os artigos das leis e regulamentos de saude em que deviam apoiar-se para os reprimir e cuja doutrina, embora antiquada, lhes cumpre manter no seu espirito e letra.

Desejo deixar aqui consignado o meu muito sincero reconhecimento pelo excelente auxilio que o nosso illustre consocio e collega Alberto Malta nos prestou n'esta campanha. Conhecedor minucioso da legislação pharmaceutica em vigor, a sua collaboracção foi sempre preciosa e oportuna e possui informacões de que as suas instancias junto das autoridades não resultaram geralmente improficuas. Um obstaculo, porém, á repressão verdadeiramente eficaz do exercicio ilegal da nossa profissão é, como tantas vezes tem sido dito, a falta de uma lei moderna e adaptada ás necessidades do tempo presente. Esperamos que a nossa veneranda collectividade, tornada mais forte, em breve, pela sua fusão com a Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes, forte pela força moral que dará a união, forte pela sua força material que dá o numero, forte pela razão enorme que lhe assiste e pela nobreza da sua intencção, mais propicio por ventura o ambiente, fatigada talvez finalmente a *sanha* destructiva geral e iniciado um periodo de reconstrucção e serenidade fecunda, possa o que nós ainda até agora, com magua não pudemos. São esses os meus mais arden-tes e sinceros votos.

Na Mesa encontra-se para exame oportuno, o projecto do novo estatuto ligando indissolavelmente a Sociedade Pharmaceutica e a Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes. Está redigido n'um largo espirito de conciliacção e propõe-se coordenar todas as energias uteis da classe no sentido da sua dignificacção, valorisacção e bem estar material.

N'elle paira verdadeiramente o ideal de Dionisio Correia ao fundar á 86 anos a Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, hoje Lusitana.

Postos á epoca, como se pretendeu fazer e supponho se conseguiu e limadas por ventura ligeiras arestas pela assembléa que houver de aprecia-los em ultima instancia, estes estatutos merecerão, estou disso seguro, o inicio duma era nova e brilhante.

Uma questção que mereceu a atencção e o estudo da Sociedade, tendo-se realisado n'esta sala, para a tratar, diversas sessões, em collaboracção com a Direcção dos Pharmaceuticos Portuguezes, foi o decreto dictatorial n.º 5580 que creou um selo adicional progressivo sobre as especialidades pharmaceuticas. São conhecidas da

Sociedade as fases desta campanha contra esta medida absurda e irritante que põe os medicamentos em paralelo com as cartas de jogar, campanha na qual diversos dedicados consocios teem mostrado o seu zelo e amor pelos legitimos interesses da classe. Seja-me permitido especialisar os illustres deputados da nação, nossos colegas, srs. Maldonado de Freitas e Francisco José Pereira, a quem se deve a apresentação dum projecto de lei que, a ser aprovado, revoga o decreto a que aludo, não reprimindo de todo o adicional mas tornando-o mais suave e de applicação mais facil. Este projecto tem já o parecer favoravel da Comissão de Finanças.

As causas determinantes dos atrasos a que aludi no começo do meu relatorio não podiam deixar de afectar um dos nossos mais importantes serviços, nada menos do que o do laço moral que nos une e põe em contacto espirital, principalmente com aqueles dos nossos que, vivendo nas provincias e no ultramar, estão privados de assistir ás nossas sessões. Quero aludir ao nosso Jornal. Toda a boa vontade e zelo das dignas comissões de redacção, preterita e presente, não teem conseguido vencer certos obstaculos materiaes e pôr em dia a publicação. Sei, porém, que o digno Presidente redactor actual, nosso illustre consocio sr. Cisneiros e Faria envida todos os seus esforços para o conseguir e todos sabemos, por feliz experiencia, o que podemos esperar da sua perseverança e competencia.

A situação economica da nossa agremiação, como vós tendes certificado pelos algarismos apresentados pelo 1.º Secretario é regular, se bem que as circumstancias aconselhem, como medida de prudencia e para fazer face ás despezas sempre crescentes, que o Conselho Administrativo estude medidas tendentes a aumentar a nossa receita.

Assunto é este de não pequena monta que decerto não será descurado pelos que levem a cabo o *consortium* das duas agremiações.

Alguns dos nossos consocios teem sido de uma dedicação comovente para com a Sociedade procurando enriquece-la de novos elementos de trabalho propondo com frequencia novos associados.

Dentre aqueles que merecem especial citação figuram os illustres colegas srs. Soares Teixeira, dedicação antiga e incansavel e Fadon Lizasso, um dos novos de quem muito ha a esperar. Muito util seria que o exemplo d'estes e analogas dedicações fosse mais geralmente seguido.

Não desejo terminar sem uma palavra de homenagem, de saudade a um nosso illustre consocio que a morte levou no interregno decorrido. Quero referir-me a Emilio Estacio.

Emilio Estacio foi um inovador no nosso pequeno meio. Ar-

rojado e de largas vistas, estudioso e verdadeiramente inteligente ele pôde ser considerado o verdadeiro introductor da industria farmaceutica em Portugal. Outros o seguiram, talvez mesmo com maior successo, mas a gloria de ter sido um dos primeiros a desbravar a via sinuosa, ninguem de boa fé lhe poderá contestar. Tenho dito.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Sessão de 25 de Novembro de 1919.

Presidente — sr. *Mourato Vermelho*.
 1.º Secretario — sr. *Hildebrando Goncalves*.
 2.º Secretario — sr. *Fadon Lizasso*.

Foi aprovada a acta da sessão anterior.

Entre a correspondencia figura uma carta do sr. Raul Lupi Nogueira pedindo a demissão de socio.

O sr. Cisneiros e Faria pede para fazer vêr a este socio a falta de razão no seu pedido.

O sr. Presidente comunica o falecimento da esposa do sr. Camacho Pimenta e propõe um voto de sentimento, que é aprovado.

Foram aprovados socios os srs. Eduardo de Almeida Victoria (Fundão), André Gomes Ponces Hidalgo (Aldeia Nova de S. Bento), Gregorio Rosa (Alemquer) e Antonio d'Ascenção Silva (Lisboa).

Procedeu-se á eleição dos corpos gerentes e comissões tendo servido de escrutinadores os srs. Ferreira da Silva e Cisneiros e Faria.

Presidente — *Manuel Adriano Mourato Vermelho*.

Vice-Presidente — *Joaquim Pedro de Moraes*.

1.º Secretario — *Hildebrando Goncalves*.

2.º Secretario — *Miguel Fadon Lizasso*.

1.º Vice-Secretario — *Ernesto dos Santos*.

2.º » » — *Carlos Marques de Sousa*.

Tesoureiro — *João Simões Costa*.

Vice-Tesoureiro — *Augusto José Carlos de Oliveira*.

Bibliotecario — *José Maria Soares Teixeira*.

Vice-Bibliotecario — *Gaspar Maria do Nascimento*.

Comissão de Quimica

*Bernardo Augusto da Costa Simões.**Luíz Gonzaga e Souza.**Carlos Marques de Sousa.*Suplente — *João Francisco de Jesus.*

Comissão de Farmacia

*Manuel Luíz Sequeira.**José Simões Borba**Francisco Moreira Pratas.*Suplente — *Alberto d'Oliveira Malta.*

Comissão de Redacção

*José Maria Pinto Fonseca**Antonio Dionisio Garras*Suplente — *Carlos Candido Coutinho*

Foi encerrada a sessão ás 24 horas.

VARIEDADES

Copia do officio enviado ao Ex.^{mo} Sr. Ministro da Instrução

Ex.^{mo} Sr. Ministro da Instrução. — Tenho a subida honra de comunicar a V. Ex.^a que na ultima reunião da classe farmaceutica foi resolvido por unanimidade que se expressasse a V. Ex.^a o mais profundo reconhecimento pela promulgação do decreto n.º 5558 que autorisa o Governo a levantar na Caixa Geral de Depositos a soma de 500.000\$000 destinados á construção de um edificio para a Escola Superior de Farmacia e aquisição de material escolar respectivo.

Muito especialmente comoveram e penhoraram esta classe (tão mal julgada de ordinario pelos poderes publicos, tão sobrecarregada de obrigações e deveres penosos para com o Estado e a Sociedade e tão cercçada nos seus mais fundamentaes direitos) muito a obrigaram e comoveram os termos justissimos do segundo e terceiro considerando que antecedem o decreto em questão e assim se exprimem :

«Considerando que o artigo 1.º do capitulo III do despacho da lei de 19 de julho de 1907, que cria as escolas de farmacia, dispõe a applicação de um s:lo sobre as especialidades farmaceuticas, criando assim a receita para fazer face aos encargos provenientes da manutenção das referidas escolas;

Considerando que sendo a classe farmaceutica, ... onerada com o respectivo imposto que produz uma importantissima receita...

Eis o que fui encarregado de levar ao conhecimento de V. Ex.ª, pedindo a V. Ex.ª que me permita juntar aos protestos de gratidão da minha classe os meus pessoaes, muito sinceros e respeitosos.

Saude e Fraternidade.

Lisboa 9 de junho de 1919.

O Presidente

(a) Mourato Vermelho

Ex.ª Sr. Manuel Rodrigues Machado

Acuso recebido o officio de V. Ex.ª e cumpre-me esclarece-lo sobre o infundado da reclamação que formula.

V. Ex.ª não foi nomeado para fazer parte da comissão encarregada de protestar contra o decreto que agrava o imposto do selo sobre as especialidades pela razão simples de não ter sido nomeada comissão alguma para o efeito. Por proposta do sr. Gama Junior, aprovada por unanimidade, com aditamento e ligeira modificação na redacção ficaram a Mesa da Sociedade e a Direcção da Associação encarregadas de tratar do assunto podendo agregar as pessoas que entendessem. Convidei, *dentre os presentes*, dada a urgencia da questão, alguns colegas mais directamente interessados a comparecerem no Ministerio das Finanças.

O sr. J. A. dos Santos que apreciara mais severamente o officio no qual V. Ex.ª se justificava por não assistir á sessão ultima, alvitrou que V. Ex.ª deveria acompanhar tambem os Corpos Gerentes nas suas demarches, visto se-lhe attribuida a responsabilidade no agravamento do imposto, mas a Assembleia não se chegou a pronunciar nitidamente a este respeito, agitada como decorreu nesta parte da sessão.

Não obstante, se eu não tomei a iniciativa de convidar V. Ex.ª de nenhuma maneira isso foi nem podia ser por menos consideração, mas sim pela razão de que acabou de expor. Não ignora V. Ex.ª que nesta questão do selo repetidas vezes tenho solicitado a sua colaboração, a qual, é certo, V. Ex.ª por motivos estranhos á sua vontade não tem podido, em regra, prestar assiduamente.

Quanto ao segundo caso, a que alude no seu officio, necessario é que precise, pois absolutamente ignora a que queira referir-se.

O original da proposta do sr. Gama póde ser examinado na sede da Sociedade.

Saude e Fraterhidade.

Lisboa 24 de junho de 1919.

O Presidente

(a) Mourato Vermelho

INDICE ALFABETICO DAS MATERIAS

SERIE 15.^a

ANO DE 1919

TOMO 4.^o

A

Acido acetico (preparação industrial)	14
Adrenalina (nova reacção).....	23
Alcool (metodo rapido de dosagem)	21
Aldeídos (pesquisa no eter).....	22

B

Balsamo de Tolú (dosagem dos ácidos livres).....	18
--	----

C

Cloro (dosagem no succo gastrico, iodo, sangue e leite).....	37
Compressas de gase que não aderem ás feridas.....	43

F

Fermentos e fermentações.....	1
Fosfitos (dosagem).....	16

G

Goma arabica.....	45
Gonococcus (novo meio de cultura).....	29
Gajacol sulfonato de potassio (dosagem e reacção de identidade).....	16

H

Hipofosfitos (dosagem).....	16
-----------------------------	----

I

Iodetos (novo metodo de dosagem).....	19
Iodo (estado nas algas maritimas).....	23

M

Metaes (dosagem por electrolise sem emprego de corrente electrica).....	25
---	----

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

O

Oficio dirigido ao sr. Ministro da Instrução.....	75
" " " Manuel Machado).....	76
Oxichloreto de carbono (preparação industrial).....	14
Oxido de estanho em suspensão coloidal.....	43
Oxido de magnésio (ensaio).....	27
Oximetiltraquinonas	22

P

Piperazina (preparação industrial).....	14
Piramido como reagente.....	24
Pirocatequina (nova reacção).....	23
Ptomainas e leucomainas (descoberta).....	39

S

Sacarina (dosagem).....	19
Sessão de 30 de julho de 1918.....	46
" " 5 de dezembro de 1918.....	47
" " 10 " 1919.....	50
" " 13 de março de 1919.....	51
" " 25 " 1919.....	59
" " 3 de abril de 1919.....	61
" " 11 de junho de 1919.....	62
" " 24 de " 1919.....	63
" " 29 de julho de 1919.....	64
" " 12 de agosto de 1919.....	65
" " 28 de outubro de 1919.....	66
" " 25 de novembro de 1919.....	74
Serviço Farmaceutico no C. E. P.....	39
Solutos hipodermicos isotonicos.....	45
Suco gastrico (dosagens no).....	36
Sulfato de estricnina (incompatibilidades).....	44

T

Teobromina (dosagem).....	16
Tuberculose (processo de coloração do bacilo da).....	29

U

Ureia (origem da).....	30
------------------------	----

ERRATAS

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
6	29	só aplicada	só é aplicada
10	35	consegna	consequia
15	29	seco	humido
18	3	em hipofosfito	em fosfito
25	21	é coberto d'uma membrana porosa que po- de ser o papel de filtro.	} eliminar
28	12	cloreto de borico	
28	14	amonio	amonia
29	21	prepação	preparação
30	25	foi	pois
31	18	amoniacos	amoniacaes
36	6	alcoolino	alcalino
36	14	como no soluto	como no metodo
38	18	(calcinação do sodio)	(calcinação em pre- sença do nitrato e carbonato de sodio)
39	2	de noção	a noção
39	45	Haserwel	Maxwell
40	5	alcalino a	alcalino a
41	32	anacrobia	anaerobia
41	40	amoniano	amoniaco
42	1	acrobia	aerobia
42	7	anacrobia	anaerobia
42	12	anacrobia	anaerobia
42	22	quadrado	quadro
42	32	anacrobia	anaerobia
43	31 e 32	0,008 — 1,00 e 1,005	0,008 — 1,003 e 1,005
43	45	é um acido borico	é um oxido basico
45	12	isotanico	isotonico
75	12	acrescentar na Comissão de Redacção J. A. de Cis- neiros e Faria.	

Numero das obrigações sorteadas para serem pagas em 1920

**100, 123, 170, 184, 232, 260, 316, 392, 437
e 445**



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

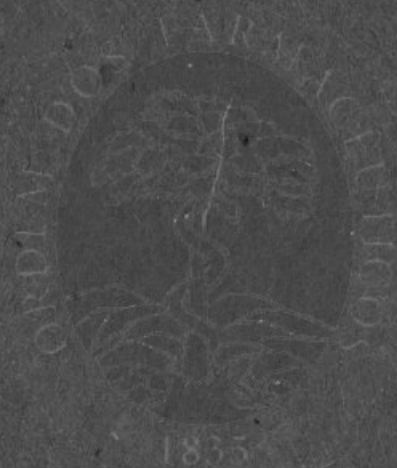
Modelo



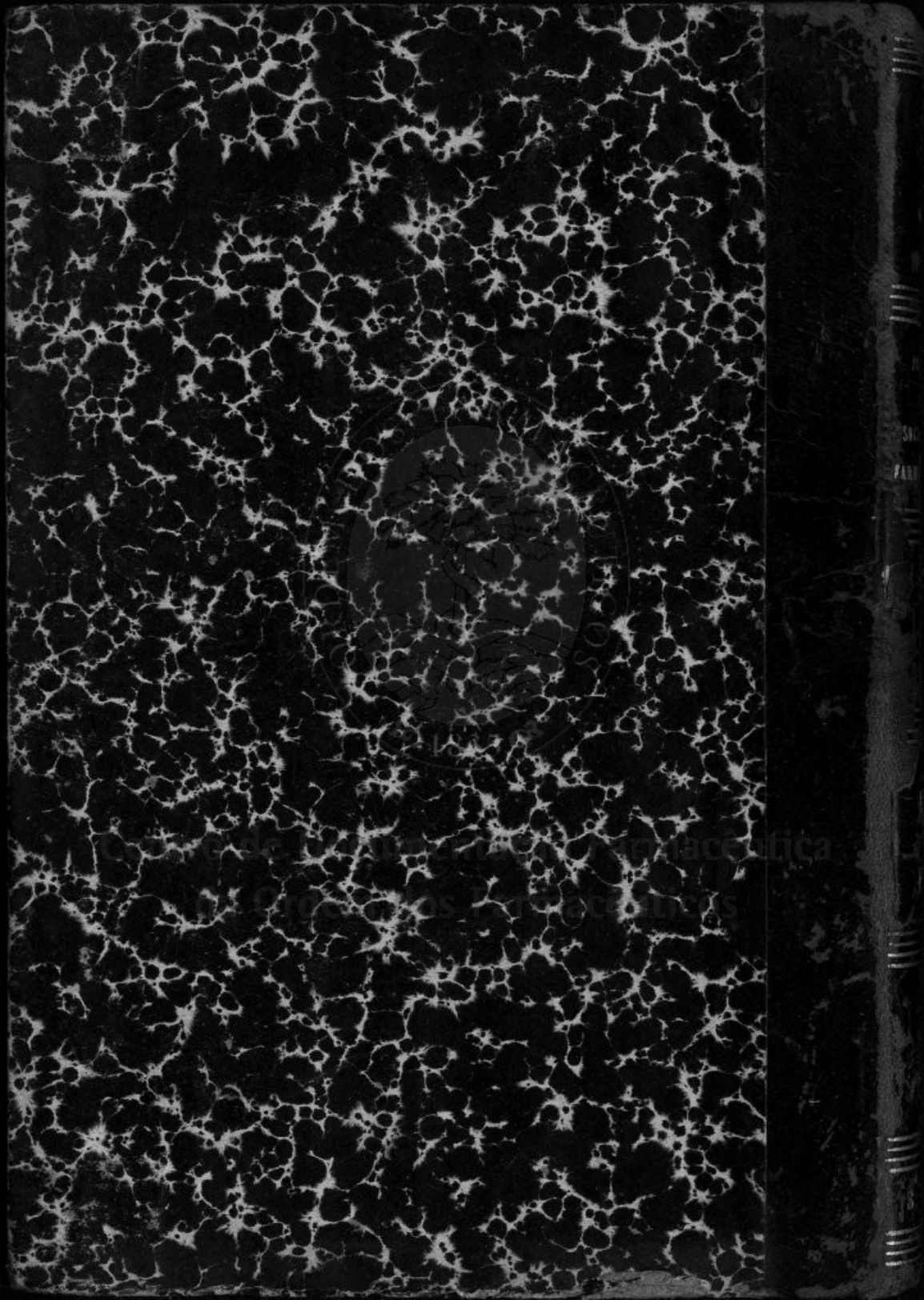
Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Científica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação e Arquivo
da Ordem dos Farmacêuticos



JORNAL

DA
SOCIEDADE
MAGISTRO

1871

1918

É

1919

F. L.